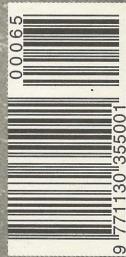


O MÁXIMO

SUPLEMENTO DE DOCUMENTAÇÃO E INFORMAÇÃO DA REVISTA AGÁLIA (64)



3

opiniom
UM ENCONTRO QUE VALE UM SÉCULO
JOEL R. GÓMEZ / PAR

O par por antonomásia é o dous. O dous é um número diplomático, dualista e dialéctico. Par ou ímpar, diria o um. O um quer agir. O dous reflete e diz: Par e Ímpar. E como todo avanço opera com umha certa oposição, o par é um potente princípio de progresso. O dous multiplica aquilo que toca... ou divide... ou quadra... ele fala, já veremos.

4

documentação

ENCONTRO "GALEGO NO MUNDO. LATIM EM PÓ"
COMPILAÇOM KKIR

Porque a gente guarda memória, eis estampas de recordar (das muitas que há, que podiam...)

21

a roleta

AS PÁTRIAS DO 25 (II)
ELVIRA SOUTO

23

ANOTAÇONS A PROPÓSITO DA UPG E DO PAPEL DE C. E. FERREIRO E OUTROS
LUÍS GONÇALES BLASCO

Esta roleta nom tem números, tem letras, pintura, música, cinema, sei lá... Em cada novo número de omáximo hás de descobri-lo. Para os brasileiros roleta pode ser borboleta... Cada número de omáximo roleta borboleta molinete umha flor.

32

sítios

AMOSTRAS
JÚLIO ROCHA

Viajar, perder países na ponta dos dedos

omáximo

encerra aqui o périplo suplementar de consciente e inicial companhia da *Agália*, para aumentar a tiragem e ir à procura de um público mais alargado. No próximo número vou sair em paralelo, igual mas diferente, bom e, no entanto, melhor

25 de Agosto

Pyin U Lwin. A caminho ao Triângulo de Ouro (Leste da Birmânia)
O construtor de monicreques

ESTAMPAS DA BIRMÂNIA - 6

Da desfeita constroi o sonho visível. Do nada, pendura breve, o espectáculo das figurinhas em movimento. Na grande praça onde habita vai tirando do invisível fio que fai dançar as figurinhas sobre o muro em silêncio, onde também dançam as sombras.

Ardem neste círculo mudo. Renascem das suas ruínas, como Icaros, na procura de umha nova altura.

UM ENCONTRO QUE VALE UM SÉCULO

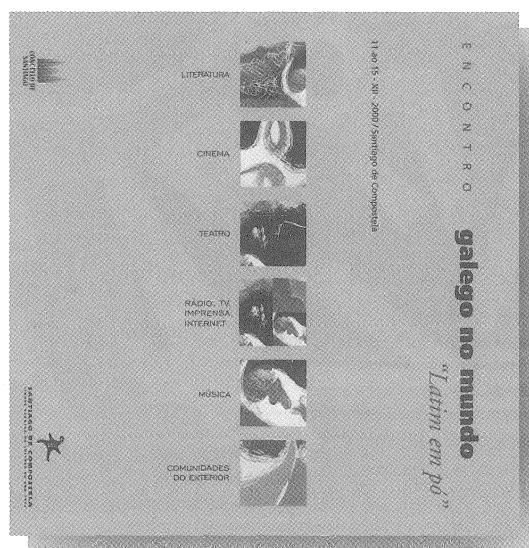
O encontro *Galego no Mundo. Latim em Pó* concretizou na prática umha aspiraçom de numerosos políticos, intelectuais e personalidades de muito diferentes ámbitos do Galeguismo durante o século XX, e nom só. Conseguir reunir em Compostela representaçons de distintos campos da cultura de Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné Bissau, Moçambique, Portugal, Timor Lorosae e Galiza, para compartirhar diálogo entre elas e com porta-vozes de comunidades emigrantes, além de com públicos bem diversos, constituiu um acontecimento que resultará marcante e um ponto de inflexom para o futuro.

O relevo das personalidades que participárom nos diversos foros, o interesse das postas em comum, os intercâmbios de experiências e, muito em especial, a occasiom de conhecer realidades bem díspares de povos e populaçons que desfrutam da mesma língua pátria, resultou de proveito de muitas focagens e pontos de vista.

No entanto, há um aspecto que nom foi talvez suficientemente salientado mas que, para os reintegracionistas, resulta sem sombra de dúvida o mais fulcral de todos: a liberdade de expressom e a igualdade de oportunidades que se ofereceu. Para além das pessoas convidadas da Galiza e do exterior, e encontro permaneceu aberto, sem vetos nem excepçons; e os defensores do Galego-Português, tam acostumados à marginalizaçom na Galiza, concorrerom sem entraves para exprimir a sua palavra e o seu ideário.

Por isso, só cabe felicitar os organizadores e ao coordenador do evento (o Prof. Elias Torres) polo seu extraordinário esforço; e à Câmara Municipal de Compostela, polo acerto de propiciar a actividade, dentro das celebraçons da Capitalidade Europeia da Cultura. Foi um broche de ouro para um século que reivindicou, por activa e/ou passiva, umha oportunidade assim, que oxalá suponha o íñicio de novas formas e nom um facto isolado. E também para o milénio finalizado nesse venturoso Dezembro de 2000, sintetizou *Latim em Pó* parte do melhor que aconteceu para esta Galiza que, como no celebrado "Poema do Futuro Cidadão", de José Craveirinha, é "um país que ainda não existe".

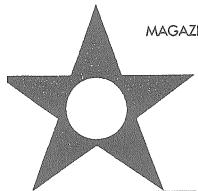
Mas que anda a trilhar caminhos para o conseguir.



par

JOEL R. GOMEZ

MAGAZINE SOCIO CULTURAL DO MUNDO



COMPOSTELÁN

PERIODICO MENSUAL GRATUITO • N° 98 • ANO VIII • DEZEMBRO 2000



Galego no mundo

GALEGO NO MUNDO

DO 12 Ó 16 DE DEZEMBRO EN COMPOSTELA



SANTIAGO, GALEGO NO MUNDO. "A LÍNGUA COMO BOOMERANG DE MADEIRA GALEGO-PORTUGUESA PARTIDO EN MUITOS QUE VAI RETORNANDO Á NOSA MAO DE CORAÇOM NUTRIDO DE TODOS OS MATIZES DO MUNDO... UN RÍO EN FERVENCA". TEATRO, MÚSICA, LITERATURA, CINEMA, MEIOS DE COMUNICAÇOM, COMUNIDADES DO EXTERIOR. CON TÓDOLOS SEÑITOS RECIBIMO-LA ÚLTIMA FESTA DA LÍNGUA DO 2000.



DAR ABASTO

Só uma sociedade formada por parte do que de melhor tem Compostela e dos seus aliados no mundo galego podiam oferecer à cidadade, à Galiza, a quem por aqui andar nesses dias, o que ai vai do 11 ao 15 de Dezembro de 2000. Xurxo Souto, Emilio Cao, Carlos Quiroga, Suso de Toro, Xavier Villaverde, Xosé Manuel Sanlle, Xosé M^o G. Palmeiro, Quico Cadaval mians bastantes para atrair o mundo, e vento bastante para impulsá-lo. Som a capacidade galega nom apenas de captar mas de enviar. Torres compostelanas convertidas em antenas parabólicas do mundo emitido en galego para o Universo todo. Deom abasto para que tu, amigalíamigo 'nom consigas dar feito. Enxamaram, díxa Xurxo, para que reberem por todas as portas e costados da cidade os sotaques e as saudades da lingua comum. Santiago levantando encinada das palavras nossas a sentir Maputo, Guiné, São Tomé e Príncipe, Luanda, Cabo-Verde, São Paulo, Rio, Portugal. Ritmo africano, palavrão de Timor, Brasil amavel e Minho, Trás-o-Montes, Porto, Lisboa, tam lindos tam queridos. E os que están fora e sentem como em casa, e os que fora ficaron e sentimos tam nosso, Boston e Newark, Geneva e Buenos Aires, asturianos, berceanos, extremenos, Corunha, Vigo, Lugo, Ribadeo, Finisterre, hoxe Santiago capital cultural da Europa e do mundo da lingua comum. Santiago capital, Galiza universal, um slogan, umha palavra de ordem a echar nas paredes de Compostela.

Setecentos anos depois de correr mundo regressa a nossa lingua salteirada, adornada de tantas galas. A nossa lingua, que é un boomerang de madeira galego portuguesa partido en muitos que vai retornando a nossa maõ de coração nutrido de todos os matizes do mundo. Santiago. Galego no mundo. Como un río en fervenza, como Fonte de Aranjo do Emilio Cao, palavra que lava a pedra em que se mocha a lingua para continuar a cantar a felicidade. A nossa lingua, que é un barco a navegar todos os mares galego-portugueseiros-brasileiros-finenses. Nau Catena de Fausto por nos acima, os seus marinheiros a caregarem as espécias e os tecidos do nosso talen em po, palavrão de Caetano Veloso, e fazer da Santiago un precioso mercado de sabores exóticos e aromas remotos, filhas familiares aguassillando nos de genuinidade e defendendo-nos da indigencia e o desamparo. A nossa lingua, assim, como un amigo que "traz outo amigo tambeñ", como quería Zézé Alfonso, tam amigo da Galiza.

Satisfacto neste papel de cronista de acontecimentos maravilhosos, dou a boas vindas a quem se achega e quer viajar nesta singradura, honrado con este lugar de preâmbulo e lamar, dou avissados e anuncio com toda a força da voz os nomes dos protagonistas todos e a lingua galega que os vai possever.

Lingua para ser, lingua para desfrutar, lingua para viver, questão de Saúde Pública!

Grande abraço!

Elias J. Torres Feijo

Coordinador Geral do Encontro Galego no Mundo - Latin em po

TRAÇO-DE-UNIOM TEATRO

NA POTA A PRESSOM de tres días de dezembro van-se encontrar gentes do teatro, do espectáculo, simples practicantes da magia cénica. De Moçambique, do Brasil, de São Tomé e Príncipe, de Portugal e da Galiza. O 12, 13, 14 este persoal todo vai falar, imos falar, desta cosa nostra, o que é subir a un cenário e fazer o mundo desaparecer. Só que quando os do teatro nos sentamos com uns microfones diante temos o perigo de ficar pedantes, carpideiros, vacuos, académicos... Para evitar qualquer destas doenças próprias dos congressos prósperos imos utilizar como antídoto a palavra teatral. Imos falar de teatro practicando-o. Porque, felizmente, é o único modo de explicar como fazemos os nossos espetáculos: fazendoo-as. Vam subir para o palco Alexandre Passos, Orlando Chale, neldo Torres, Josefina Massango, María do Céu Guerra, O Trigo Límpio de Zé Pui Martins, os "psicofónicos" Pérez e Santiago, os faladores Pazó e Cadaval, as hostes de Entrenateotato, Cláudia Campos, o mestre Zé Laurentino e talvez mais, porque estas cousas costumam ser contagiosas. O teatro mostrará quase todas as suas caras mutantes; a ópera de salão, o teatro de sombras, ou de objectos, o canto tradicional, o stand-up comedy, o recital, a performance, os fantoches portabili, as sanguentas declamações de crimes da literatura de cordel, o cartellón de cego, monologos, e haverá teatro daquele que chamam "teatral" e mesmo... teatro político, mas com umha tintura cómica porque os comediantes non conseguiremos jamais o tom melódramático dos profissionais...

Só resta aguardar que este remexido provoque simpatias, alquímia, combinados imprevistos e que abra portas para que estes artistas, e estes países reconheçam que nem em tam difícil fairo algo compartilhado. Compre saber que este encontro do "Latin em po" non é a primeira pedra. Já há uns poucos anos que se tenderam os primeiros fios da aranheira teatral. As giras de Artello, Ollomol, Kukas e Morcego polo Nordeste do Brasil, o já prolongado flirt que mantinem Chévere (Santiago) con Trigo Límpio (Tondela), as sonoridades



J. B. DÍGES

Psicofónicas em Portugal e Moçambique, aquel festival de Carnaval de Teatro galego e português (que saudade!), as encenações galegas de Helder Costa, de Fernanda Lapa, da Júlia Cardoso, da José Martins, o encontro dos dous Noroestes em Mahagonny, os desembarques na Galiza de Campos e Orsi, as Ultranoites

"PORTUGAL&CIA" na Nasa, as direcções portuguesas de Rodrigues, Cadaval e De Lira, o FESTEIXO de Viana e tudo o que nom esqueço mas nom vou nomear, que nom ha folha para tanta gente... Eu sou da opiniom que depois de tanta fricção (no bom sentido da palabra) já podámos comezar a nos sentir um bocado menos estranhos.

Tenho que dizer tudo. Também vai haver isso que chamam palestras, mesas redondas, colóquios ou conferências. Que ninguém se alarme, o coordenador tem proibido aos convidados falar de subsidios públicos e de semiótica. Os ponentes contráran as aventuras teatrais que vivírom ou que tiverom o privilegio de contemplar. E, pois, que estas palestras serán más emocionantes aventuras que narcóticos discursos. Juro!

No fin da semana haverá umha ultranoite: "LUSOFONIA". Este imprevisivel espetáculo colectivo de variedades permitirá comprovar se a alquimia funcionou ou se os artistas participantes no convívio seguen inmisericordes como a águia e o azule. Están todos convidados a este espetáculo único, depois de passar pola bilheteira, claro.

■ Quico Cadaval

PROGRAMA

DÍA 12

- 11:30: Colóquio: *O Povo é tam Ignorante!* (onde os participantes falarão das persistências do teatro popular (tam irrepetivel) em diferentes terras: Nordeste brasileiro, Alentejo, Galiza, S. Tomé...). Também da influencia do popular no teatro denominado culto). Modera Quico Cadaval e participam ngele Torres, Alexandre Passos, Roberto Vidal Bolaño, Zé Laurentino, Marcos Orsi, Josefina Massango, Hélder Costa e Manuel Cortés.

- 16:30: Espectáculo de Baixa Intensidade (pequenas representações) com Mº do Céu Guerra, Junio Sampayo, Cristina Domínguez, Begón Muñoz, Angelo Torres, Alexandre Passos e Manuel Lourenzo.

DÍA 13

- 11:30: Colóquio: *Há alguém ali?* (onde os participantes intercambiarán pormenores sobre as experiencias técnicas e dramaturgicas, com o objectivo de tender puentes sobre o muro de ignorancia mutua que actualmente desfrutamos).
- 16:30: Espectáculo de Baixa Intensidade, com Francisco Pérez, Carlos Santiago, Zé Laurentino e Cándido Pazó.

DÍA 14

- 11:30: Colóquio: *Trabalhar para o inimigo...* (onde se apresentarán informes (nada dramáticos) sobre as experiencias de colaboración entre diferentes artistas de diferentes países. Para quebrar o espíritu de que no outro lado só está o inimigo).
- 16:30: Espectáculo de Baixa Intensidade, com Trigo Límpio, Antón Castro e Quico Cadaval.
- 16:30: *A Cor das Corajelas* por Entretanto Teatro.

DÍA 16

- A partir da meia-noite: "ULTRANOITE" na Sala NASA de Santiago, noites de variedades com a participación de muitos dos participantes consistindo em pequenos espetáculo, performances, música, etc.

PROGRAMA

DIA 12

• 11-13: CGAC

Conversa sem público
• 17-19: Café-bar Momo
Café de Timor e as Áfricas. Com Luís Cardoso, Ana Paula Tavares, Mía Couto, Germano Almeida e Odele Serzedo. Convitedos por Luisa Vilhena, Paço Souto, Vítor Freixanes, Xavier Segade, Ana Román, Rafa Villar, M. A. Fernan-Vello, Joel Gomes, António Lopo, Helena de Carvalho e Carlos Casares
• ESPECTÁCULO: Orlando Chala (Orlandinho): "Vida de Cinema"

DIA 13

• 11-13: Café-bar Momo

Café galego - com gotas. Como escritores, nós que podemos oferecer à sociedade e aos seus poderes...? E nós que demandámos desses mesmos poderes, de universidades, de políticos, de instituições?

Quico Cadaval: "strip-tease (moral)"

• 17-19: Café-bar Momo

Café de Portugal. Com João Aguilar, C. Pinto Correia, Miguel Miranda, Possidônio Cachapa, José Jorge Letria, Manuel Alegre e José Viale Moutinho.

Convitedos por M. X. Queizán,

Vítor Vaqueiro, Lois Diéguez, Iolanda Aldred, Igor Lugris, Xavier Queipo, Júlio Valcârcel

Joel Gomes, José Carlos Caneiro e J. M. A. Cáccamo

• ESPECTÁCULO: Zé Rui: "Soltar a Lingua"

DIA 14

• 11-13: CGAC

Conversa sem público

• 17-19: Café-bar Momo

*Café de Brasil. Com Modesto**Carone, Mónica Denser, Bernardo**Alzenberg, Cristóvão Tezza e Júlio**Diniz. Convitedos por Yara**Fratechini, Angelo Brea, Pilar**Pallarés, Henrique da Costa,**Arturo Casas, João Guisan**Seixas, Manuel Miragaia, Suso de**Toro, António C. Malvar, Carlos**Quiroga e Zé Rui*

• ESPECTÁCULO: Cláudia

Campos, "Antropofagia"DIÁLOGO ABERTO
LITERATURA

A ÁREA DE LITERATURA vai reunir em Compostela várias decenas de escritores e escritoras que cobrem uma geografia bastante diversificada (Timor, Moçambique, Angola, Cabo Verde, Guiné, Brasil, Portugal e a Galiza). Para além de dous encontros sem público que decorrem no Centro Galego de Arte Contemporânea, utilizaremos o formato do "Café de...", colocando a divisa do agrupamento geográfico, para oferecer 4 diálogos abertos à participação, com presença e exposição de livros, e levando todo a um espaço descontraído e amplo como é o Café-bar Momo. Trata-se de tertúlias com um ponto de apoio retórico inicial que visam aproximar os nomes e as pessoas que escrevem ao seu público. É o único espectáculo que podem dar, porque o outro encontro, da literatura, decorre depois nos livros. Cabem ainda, nestes cafés com escritores, breves espetáculos portáteis com apoio em textos literários, para fechar cada bloco (Orlandinho, Zé Rui, Cláudia Campos e Quico Cadaval).

Por outro lado, os escritores escrevem.

É por isso que o coordenador lançou a proposta da escrita colectiva e antecipada de um folhetim

rococóesco, que já está agora no

capítulo VI, e que deve começar a publicar-se em jornais de Brasil, Portugal e a Galiza em dias próximos ao Encontro, e continuar mesmo depois, com periodicidade semanal, como elo de continuidade e ligação. A peripécia leva por título "O Crânio de Castelao", e coloca no centro de conhecimento dos estrangeiros a figura mais emblemática da galeguidez, protagonista póstuma desta aventura que teria sido bem do agrado do próprio Castelao, porque ao tempo reutiliza-se dentro da Galiza o seu humor e o seu pensamento político. É também uma forma de reivindicação. O resultado desta experiência vai ser um livro colectivo que ainda visa alguma utilidade. Nem se trata de uma proposta na sequência de "Q", esse romance de aventuras escrito coletivamente por 4 italianos. Luther Blissett está bem como projeto de subversão da propriedade intelectual e do canón de identidade, mas por estas latitudes a nossa provocação é mais ousada porque ainda padece de algum idealismo: os direitos dessa hipótese obra visam servir para colocar de novo alguma pedra nas casas desfeitas de Moçambique.

■ Carlos Quiroga

O CRÂNIO DE CASTELAO
(LATIM EM PÓ)

Capítulo 1

(Carlos Quiroga-Galiza)

"... Andu alguém por trás disto que importa apanhar. Para além disso, Castelao só leva uns dias desaparecido. Bom, a sua cabeça. E existem indícios de que só pudo sair via Portugal, e de que pode haver motivos diferentes dos económicos para o roubo. Nem podia contar muito mais, de momento, porque o tema está sendo levado com a máxima cautela. O escândalo podia abalar o país. E mais de um posto.

— E qual é o problema? Colocam outro crânio no lugar e ninguém sabe. Já sucedeu com o Apóstolo Santiago, nom é? Pois Castelao nom devia ser menos.

— Ai, rapaz, non brinques com isso. De momento já é o que se fijo, por outro, mas... chisst! Como se nom soubesses! Nem unha palavra...! Simbolos som símbolos, e o barulho de 84 contra os políticos que transladaram os restos ainda está no ar. Por outro lado, hcje já nom é fácil enganar, porque os dados forenses do crânio de Castelao nom os tenho só eu..."

Capítulo 2

(Miguel Miranda-Portugal)

"... O atarracado cava-mortos seguiu empurrando o carrinho, arrancando um gemido de metal nas rodas mal oleadas. Hoje o dia é de esperas, pensou P., encolhendo um arrejo nos ombros. O halito gelado dos mármores do Prado do Repouso causava-lhe náuseas, detestava estes apadeiros de almas onde os vermes recolavam as carnes e os Cuspidós tratavam dos ossos. Quando o homúnculo regressou, P. apressou o interrogatório. As respostas eram de início vagas, imprecisas, relutantes. Uma nota gorda animou-lhe a memória e o discernimento, por uma milena Cuspidó perdeu a amnésia e cantou quem encomendava crânios, falangetas, vértebras, apêndices xifóides de falecidos renomados."

Capítulo 3

(António Lopo-Galiza)

"Por suposto. Veu cunha caixa de veludo azul. Nela, dixo que estava o crânio do prócer. Dera com o finalmente gracias á axuda daquela encantadora señorita. Desde logo, era unha muller linda. Sorprendeu-me que se hospedase no Hotel Panjim. É a primeira vez que oio dun Hotel Panjim no Porto.

P. deixou coa palabra na boca ó vellor profesor e folle pagar ó camareiro. O abrir a carteira, comprovou que non tiña cartos. Estaba o cartón de crédito e un cartão de identidade a nome de Virxilio Landeira. Por un segundo, perdeuse nas ruelas da memoria e a mente quedouseu en branco, como a parede dun museu. O profesor turroulle da manga da americana cos dedos pringados pola grexumada das torradas untadas en manteiga..."

SUPERA-LA DIMENSIÓN DE ESPECTADOR CINEMA

DO ATREVIDO AO INNOVADOR, do experimental ao surprevisor, o Encontro Galego no Mundo – Latim em pó selecciona para o público compostelano algo do mais atractivo que anda no panorama cinematográfico galego-luso-brasileiro. Nesses dias, a Sala Yago é o lugar do cinéfilo, mais tamén do curioso, e do céptico, de quem anda procurando novos mundos e novas experiências. O lugar por onde pasan as pontes feitas de imaxe e palabra que unen Galiza, Portugal e Brasil. Dez filmes, todos de entrada gratuita, desde a cidade de São Paulo, Á Lisboa menos coñecida, desde os momentos do Padre Vieira aos da Guerra Civil española, desde as vivencias dum grupo de adolescentes lisboetas que sonham com voltar para Angola, desde... E queremos que vivas o cinema superando a dimensión de espectador: temos connosco os directores e/ou produtores dos filmes a exhibir; ao final de cada pase, poderás dialogar con eles nos coloquios que temos preparados.

A nosa lingua a todas as cores.

■ Xavier Villaverde



NOVAS PONTES DESDE GALICIA MEIOS DE COMUNICACIÓN

ESTE ENCONTRO, ideado como una plataforma para potenciar a comunicación, no senso más amplio, nuns espacios xeográficos ós que tamén Galicia debe abrirse, favorece, naturalmente, a posibilidade e reflexionarnos sobre a comunicación mediática e algúns dos seus determinantes neste tempo. Plantexerámonos así a relación entre as posibilidades abertas polas novas tecnoloxías da información e os contidos, a adaptación a unha situación dinámica, cambiante e cada vez más mediatisada. Veremos en qué medida a utilización da técnica potencia a proxección dos medios e, correlativamente, pon en marcha novos resortes ó servizo dunha comunidade aberta, novas interaccións e mellores mecanismos de retroalimentación. Abriremos debate sobre a presenza e o tratamento que os medios dispensan ás diferentes expresións culturais e mesmo á función ou expresión cultural que os medios desempeñan como utilitarios e imprescindibles iconos sen os que este noso tempo non se entendería cabalmente.

Enfin, as posibilidades de traballar pola potenciación dun espacio intercultural galego-luso-brasileiro, nun escenario xeral dominado por rasgos globalizadores, e as iniciativas que poderán plantearse e compartirse nesa dirección, completarán o esquema proposto desde a sección de Medios de comunicación.

As sesións celebráranse na Facultade de Ciencias da Información da Universidade de Santiago. As mañás serán o marco do encontro e a reflexión cara adentro por parte dos relatores. As tardes ofrecerán ós asistentes intercambios nestas reflexións, diálogos sucesivos de debate entre os relatores e o público. Directores de medios de Brasil, Portugal e Galicia, profesores expertos en materia de comunicación e analistas do impacto das novas tecnoloxías verberán este foro que, logo dos tres días de intercambios de experiencias, ideas e coñecementos, deberán servir para lendar, desde Galicia, novas pontes para a comunicación.

■ José María Palmeiro



PROGRAMA SALA YAGO

DÍA 12

- 11: Tatá Amaral (Brasil), *Um céu de estrelas*
- 18: Leonel Vieira (Portugal), *Zona-J*
- 19: Carlos Amil e Xosé Manuel Cabanas Cao (Galiza), *Blanca Madison*

DÍA 13

- 11: Raúl Veiga (Galiza), *Arde Amor*
- 16: Manuel Mozo (Portugal), *Quando trovaja*
- 19: Júlio Bressane (Brasil), *Sermões*

DÍA 14

- 11: Jean-Claude Bernardet (Brasil), *São Paulo. Polifonia a cacofonia*. Documentario sobre a cidade de S. Paulo
- 16: Carmen de Miguel e Francisco Casal (Galiza), produtores executivos do filme de Patricia Ferreira *Sei quien es*
- 18: Luís Filipe Rocha (Portugal), *Sinais de Fogo*
- 22: *Cronicamente Invitável*, de Sérgio Bianchi

FACULTADE DE COMUNICACIÓN

DÍA 12

- 17: *Meios e mensaxes: Como adapta-se a um panorama cada vez mais mediatisado, dinámico e mudábel?*

Mário Bettencourt Resendes, Bieito Rubido, Ricardo Noblat, representante de Faro de Vigo, Luis Humberto Marcos

- 18:30: *Novas posibilidades de proxección e interacción social. Novas tecnologías ao servizo da comunicación*

José Manuel Rey Novoa, Adriano Schwartz, Luis Celeiro Álvarez, Luis Erlanger, Xavier Alcalá

DÍA 13

- 17: *Presenza e tratamento da cultura nos medios*
Carlos Pinto Coelho, Luís Álvarez Pouza, José López, Luis Humberto Marcos, Ricardo Noblat
- 18:30: *Os medios como expressión cultural*
Manuel António Pina, Emilio Prado, Acácio Gomes, Alfonso Cabaleiro, José Ramón Pouza

DÍA 14

- 17: *Ideas para construir un novo espazo intercultural no seño de globalización*
Francisco Campos, Margarita Ledo Andón, Luis Erlanger, Lois Rodríguez, José Carlos de Vancorcelos
- 18:30: *Áreas de interese compartido e posibilidades de cooperación nun novo espazo intercultural*
Alfonso Sánchez Izquierdo, Alfonso Eiré, Adriano Schwartz, Adelino Gomes, José Luis Muñoz Portobales

PROGRAMA

DÍA 11

• 24: Discoteca Casting

Actuación do grupo angolano
KUSSONDULOLA.

DÍA 12

• 11: Conversa sen público

"Industria e música"

• 18: Colóquio com público

O ensino musical através das músicas populares", com Rosa M. Torres (Portugal), estudosa do Método Kodály para o ensino da música, do Conservatório de Braga; Uxía Pedreira (Galiza) do grupo Chouteira, professora do Conservatorio de Música Tradicional de Lalin. Para o remate do colóquio haverá unha actuación musical surpresa.

DÍA 13

• 11: Conversa sen público

"Músicas Euroínguis", com participantes da África e do Brasil:

• 19: Colóquio com público "Fausto, a canto, português de autor", com Fausto (Portugal, cantor), Viriato Teles (Portugal, jornalista), José Manuel Estévez (Galiza, cantor). Para o final do colóquio haverá unha actuación musical surpresa.

• 23: Auditório de Galiza Concerto "Noite Africana", unha amostra de cantores africanos, com José Amaral (Timor), Juca (S. Tomé e Príncipe), Costa Nelo (Moçambique), Manecas Costa (Guiné Bissau) e Paulo Flores (Angola).

DÍA 14

• 11: Conversa sen público

"Novas tendencias"

• 18: Colóquio com público

"Música e Literatura", com Alberto Augusto Miranda (Portugal, músico, actor e escritor); Manuel Seixas (Galiza, músico e escritor); José Soares Wisnik (Brasil, músico) e José Miguel López (jornalista, da RNE 3). Para o remate do colóquio haverá unha actuación musical surpresa.

• 23: Torre da Universidade "A outra música de Cabo Verde", com Vasco Martins, concerto de piano.

• 24: Discoteca Casting Concerto "Novas tendencias, Brasil", com Wagner Pa e o grupo Brazuca Matracá.

SPEAK GALICIAN, MEU!

COMUNIDADES DO EXTERIOR

¿DE QUE TRATA a sección de Comunidades do exterior? Virá o director do Portugues Times, o xornal en portugués de maior tiraxe dos Estados Unidos, falaremos do seu xornal, da comunidade brasileira en EEUU, de como os inmigrantes de Brasil falan un portugish libérmino, nadou controlado pola filia mètrica dos académicos. Tamén nos explicará as relacións que se establecen entre norteamericanos e brasileiros, e para que serven instrumentos como o xornal que dirixe. Estará o dono de Luso Service (unha gasolinera de Nova Iorxe) que serve gasóleo e fala na lingua de Carnota con gallegos, portugueses e brasileiros e asume as fortes influencias das rutas do noso idíoma, desde Minas Gerais, ao Alentejo e A Fonsagrada. Lago é un observador agudo. O inglés empága a sua fala e a dos seus clientes de vocabulario e expresións. Pico, o extraordinario actor galego, pasou

vários meses en Nova Iorx limpando cristais e falando en galego. Contarános as adaptacións que fan os emigrantes galegos dos termos ingleses, dos klincheiros e dos que traballan nos rúfios (os tellados). Xesús Baamonde ten unha longa experientia vital e lingüística na emigración. Agora vive en Xenebra e traballa nos círculos culturais galegos de Suiza. Faláronos diso, pero tamén das súas vivencias durante dez anos en São Paulo, a cidade brasileira, e de como mestura galego e brasileiro, e como ás veces cámbara dun rexisto familiar, o do seu galego de sempre, a outro más elaborado, o brasileiro estándar, sen cambiar de idioma.

Filipe Lubrián, o alcalde de Lubián, na provincia de Zamora relatará nos colóquios os esforzos dos seus pola dignificación do galego nese territorio tan esquecido. E tamén Toño Ron, o vice-presidente da Mesa



de Asturias.

Paco Macías, director de Ediciones Positivas, berciano e editor da revista Animal introducirá neste colóquio novas visións do problema cultural fóra das fronteiras oficiais. E Francisco Rodríguez, o deputado do BNG, que nos falará da súa relación parlamentar co galego do Bierzo. Tamén nos dará a súa opinión sobre a relación cultural entre Galiza e os outros países de fala galega.

Teremos representantes da Sephard galega, os concellos de Extremadura que falan na nosa lingua, nese galego que evolucionou desde o século XII de xeito autónomo. No século anterior marcharan a colonizar aquelas terras. Hoxe falan en galego o oiten-

ta por cento dos habitantes de Valverde de Fresno, As Ellas e San Martiño de Trebello. Virán lingüistas, e virán a falar de sopornos métricos para que a cultura e a lingua avance onde non desfrutan da oficialidade. ¿Qué buscamos con esta sección? Instrumentos para establecer unha relación parlamentar co galego do Bierzo. Tamén nos dará a súa opinión sobre a relación cultural entre Galiza e os outros países de fala galega.

Teremos representantes da Sephard galega, os concellos de Extremadura que falan na nosa lingua, nesse galego que evolucionou desde o século XII de xeito autónomo.

No século anterior marcharan a colonizar aquelas terras. Hoxe falan en galego o oiten-

A DANZA DE ATLAS

MÚSICA

NA PRAZA DO TOURAL, no Pazo de Benfáña, o xigante Atlas continúa a sostener a "bola do mundo" enriba do lombo. Grave responsabilidade, traballo tan aburrido. Emilio Cao, mestre experienciado en mil aventuras, decidiu engraxar outlet, ainda máis poderosa: facer chourar ao xigante para que baile o mundo. O seu argumento: "Latim em po", grande reconstitución que ainda saiba mellor con música.

A esta convocatoria planetaria respostaron músicos de Brasil, Galiza, Portugal, Cabo Verde, San Tomé e Príncipe, Guiné, Angola e Moçambique. Concentranse 3 días na Praza de Benfáña, todos coas mesmas palabras, cada quien coa súa melodia. Se Atlas non chouta é que ten lesionados os xonfiños.

A Fundación Granell cede a súa casa para que produza este encontro sen intermedios. Moltos músicos nunca estiveron en Santiago. Todos traerán o son da Compostela dos seus soños. Pola marañán autoconfíeranse cos instrumentos nas mans. No serán, as portas de Benfáña abrásense a todos os que quiera armar a danza do "Latim em po".

"Moi largo é o mundo" sábeo ben o xigante Atlas. "O latim em po" fai estopar o "eurocentrismo". O poder da lingua achegámos directamente a culturas ás que normalmente só podámos acceder através da peneira anglosoaxona.

A crítica occidental descubriu "África con Paul Simon e o seu disco "Graceland". Nós

vinte anos antes xa escotabamos a Mozambique e Tras-os-Montes mesturados na voz de José Afonso. Unha nova estética de encontro que situou no futuro á música de Portugal. Seguimos a lección do mestre: O dia 11 faremos unha festa de benvinda na discoteca Casting co son de Kussondulola, angolanos de Lisboa.

En Benfáña continuaremos dándolle voltas ao mundo. O dia 12 pola tarde, nunha longa parolada, falaremos das diferentes formas musicais do "latim em po" no planeta, dende Brasil a Timor Leste, parolada que por suposto acabará feita música.

No serán do dia 13 han tremer definitivamente os alicerces de Benfáña: Homenaxe a Fausto, referente histórico da música portuguesa, con Emilio Cao - amigo e compañeiro de ruta - como mestre de ceremonias. O artista que musicou o "Livro das peregrinações", hanos conducir nunha grande viaxe polo tempo e dous océanos, o Atlántico e o Índico.

Adiantámos que haberá tamén música nesta homenaxe. Mais os protagonistas quedan agachados trás o lenzo da sorpresa. Pola noite continuará a loubanza a Fausto, compañeiro tamén de José Afonso, cunha "Noite Africana". No Pazo de Congresos actuarán un feixe de novos cantautores, dende a Guiné a Moçambique, que se achegan por primeira vez a Compostela. No serán do dia 14, novo encontro no Pazo de Benfáña e, deseñado, encontro brutal con dou novos universos do "Latim em

pó". En Mazarelos, na Igrexa da Universidade, un concerto de piano e sintetizadores de Vasco Martins, "A outra música de Cabo Verde". Destas illas só coñecemos a "morana" e algunas formas de música tradicional. Vasco Martins desenvolviu un traballo musical contemporáneo. Nunca ten estado en Galiza, mais o argumento central da súa obra: o concepto oceaníco do infinito ha resultado ben próximo á nosa sensibilidade. Xa entrada a noite, na discoteca Casting, o DJ basileiro Wagner Pa actuará co seu grupo "Brasucamatraca", medida de todas as tendencias de aqueles e de alén que ferven polas rúas de Barcelona.

Isto é só un peliso do "programa oficial". Haberá moi máis abóf, porque en Benfáña se van xuntar unha boa ringleira de "tocadores". Vélan algúns: Mañáda Veiga, Rui Reininho, Paulo Marinho e José Mirandá de Portugal. Xuca de S. Tomé e Príncipe, Paulo Flores e Alberto Mvundi de Angola. Manecas de Guiné Bissau. Costa Nelo de Moçambique. José Miguel Wisnik do Brasil. Uxía, Quico Paz Antón (Na Lúa) Pinto d'Herbón, Uxía Pedreira (Chouteira), Guadi Galego (Berrogüete), Manuel Seixas (Korosi Dansas) e Sebas "Ruxo Ruxo" da Galiza.

Tanto músico remedoxo de seguro ha traído melodia. E se sentes que o chan acaba, non teñas medo ao tremor. É que o xigante Atlas por fin está facendo bailar ao mundo.

PROGRAMA

DÍA 12

• 12: Colóquio: As formas de traballo das comunidades do exterior; as comunidades emigradas;

• 17: O galego, un idioma para entender-se no mundo. X. M. Oliveira "Pito" en Nova Iorque, X. Lago, traballador numha bomba de gasolina en Newark (New Jersey) e Xesús Baamonde en Rio de Janeiro.

DÍA 13

• 12: Colóquio: As formas de traballo das comunidades do exterior; as franjas límitrofes con a Galiza

• 17: Manuel Adelmo Ferreira, director do *Portuguese Times* de Boston, e a industria editorial portuguesa.

O galego de Extremadura; os declamadores populares de sainetes valverdeiros.

DÍA 14

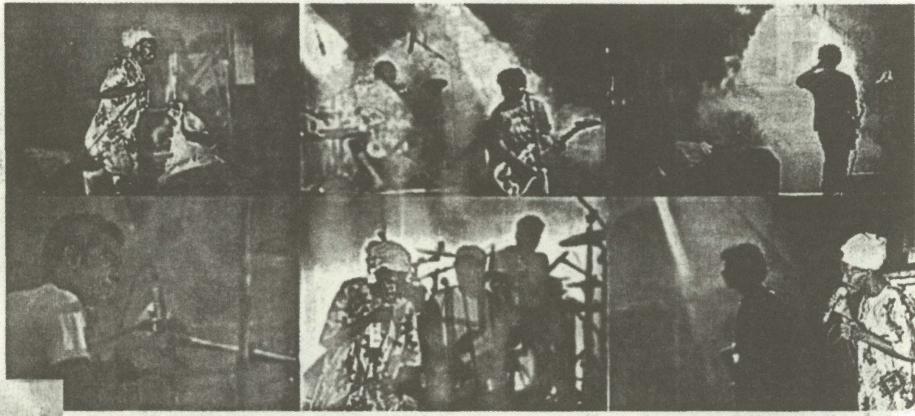
• 12: Colóquio: Que infraestruturas, sopornos, poden ser actualizados para coordinar as actividades das comunidades do exterior a unha gallega?

• 17: Conferencia Francesc Rodriguez Sánchez, "O galego de Asturias e o berciano. Crónica dum debate parlamentar".

■ Xurxo Souto

'GALEGO NO MUNDO'/DO 12 Ó 14 DE DESEMBRO

'Galego no Mundo': tres días de encontro cos artistas da música e a cinematografía lusófonas en Compostela



desde áfrica a santiago

O congreso "Galego no mundo" trae a Compostela durante tres días, do 12 ó 14, a diversos representantes das culturas lusófonas, nunha excelente idea que, de seguramente, contará cunha boa acollida por parte de todos aqueles interesados en se achegar a estas culturas. Neste artigo fímonos centrar na parte cinematográfica e musical do evento.

O espacio musical está coordinado por Emilio Cao e Xurxo Souto e nel haberá lugar para se mergullar en folclores africanos. Abrirán as actuaciones os angolanos de Kussundolula, cofecidios por participar cunha peza no disco do "Xabarin", que traerán toda a súa enerxía acústica para estoupar en escena. Esta banda tocará o día

DISCOTECA CASTING/ XOVES Á MEDIANOITE

wagner pa



W agner Pa encetou pinchando discos modernos e agora deu o salto ó mundo discográfico para gravar "Brazuca Matracá", unha obra na que se acompañaría, entre outros amigos vencellados á música, do "clandestino" Manu Chao. O músico brasileiro reside en Barcelona desde hai catro anos e coñece perfectamente o que se coxe no panorama musical. A súa música, como non, ten influencias do seu país, mais non é un traballo diadomante para presentar o seu disco.

recoñecible porque non recurre ós ritmos típicos que resultan más comúns cando se fala dun artista do Brasil. O seu son tira máis polos vieiros do cantautor, aínda que non desbota achar melodías que poídan ter toques con certos degaros de vanguarda. Este concerto servirrá para presentar o seu disco.

11 ás doce da noite na discoteca Casting. O día 12 haberá unha mesa redonda no Pazo de Bendaña, ás sete da tarde, na que se tratará o ensino musical a través das músicas populares e contarán con presencia de Uxía Pedreira, directora do Conservatorio de Música tradicional de Lalín e cantante do grupo Chouteira, e da lusa Rosa Torres, seguinte, repetindo lugar e horario, haberá ocasión de falar devagar do cantautor Fausto, que estará presente no acto canda Emilio Cao e os xornalistas Viriato Teles e Xoán Manuel Estévez. O día 14, ás seis da tarde, será o turno para falar de "Música e literatura". En todas as xornadas, logo do remate do coloquio co público, haberá unha pequena actuación sorpresa. Dous concertos centran tamén a atención

dos amantes da música con raíz. O mércores actuarán ás once da noite no Auditorio de Galicia os artistas africanos José Amaral (Timor), Juca (S.Tomé e Príncipe), Costa Neto (Mozambique), Manecas Costa (Guinea Bissau) e Paulo Flores (Angola).

O apartado do cine encargouse a Xavier Villaverde, que centrou en Brasil, Galicia e Portugal a proposta. O día 12 haberá ocasión de visionar na sala Yago os filmes "Um céu de estrelas", de Tata Amaral, "Zona I" do portugués Leonel Vieira e asistiremos á estrea oficial do filme galego "Blanca Madison", ás sete da tarde.

O día seguinte proxecciónanse "Arde amor", "Quando troveja", do luso Manuel Mozos e a brasileira "Sermões", de Júlio Bressane. O día de peche contemplaránse as imaxes do documental "Sao Paulo, polifonía e cacofonia", a gallega "Sei quen es", "Sinais de fogo" do portugués Luís Filipe Rocha e "Cronicamente inviável", de Sérgio Bianchi. Todos os filmes serán presentados por realizadores ou produtores das cintas, que logo compartirán un coloquio cos asistentes.

Como se ve é esta unha boa ocasión para gozar de sons e imaxes perfectamente comprensiveis, pero das que as leis do mercado nos mantienen totalmente afastados. Son tres xornadas para ampliar coñecementos e descubrir cousas de enorme interese ás que, por desgracia, quizais non teñamos ocasión de acceder nunca máis.

A música africana terá unha cita especial no Auditorio, onde se escutarán cinco propostas con distintas raíces

PAZO DE BENDAÑA/ MÉRCORES. 19:00 HORAS

o retorno de fausto



O cantautor Fausto é un dos máis grandes compositores que deu non só Portugal, senón a música tradicional europea. O talento deste home pode comprobarse nos seus discos, cheos de ideas brillantes e múltiples matices que nos achegan a un artista con influencias africanas, os anos en Mozambique quedaron marcados na súa alma, que emprega con sabedoría os recursos rítmicos deste continente mesturándoslos coa delicadeza dun poeta que realiza temas cargados de delicadeza. Pezas con ritmo e baladas con corazón constituyen o centro da carreira

dun músico xa clásico ó que é difícil ver actuar en directo e é que xa hai sete anos que non actúa polas nosas terras. Este congreso vai dar a oportunidade que o público se faga unha visión precisa da súa música porque o propio cantor estará en Compostela para falar da súa andaina e canda el tentarán reflectir claves da súa obra o xornalista luso Viriato Teles, o galego Xoán Manuel Estévez e o músico Emilio Cao.

que estará presente no acto canda Emilio Cao, e os xornalistas Viriato Teles e Xoán Manuel Estévez.

Os encontros de Compostela
poden pór en marcha
média dúcea
de proxectos
de cooperación

O galego
abre portas
no mundo

PERIÓDICO GALEGO SEMANAL

A NOSA TERRA, 21 de Dezembro, 2000, primeira página.

A NOSA TERRA





Varios proxectos conxuntos literarios, teatrais e musicais sairán das reunións de Compostela.

Reportaxe gráfica: ANDRÉS PANARO

O encontro *Latim em pó* apresenta a língua como grande poténcia de futuro

O galego abre pontes entre catro continentes

•• CARMÉ VIDAL - PAULA BERGANTÍNOS

A língua é unha poténcia que nos pode servir de ponte entre catro continentes. Co noso idioma podemos entrar en comunicación directa, sen alfândegas, co amplio mundo galego-portugués do que, até o momento, permanecemos afastados. Estas son as principais conclusións do encontro *Galego no mundo. Latim em pó* que se ven de celebrar en Compostela, coa presencia de representantes dos distintos países da área cultural comun. Da xuntanza saíron xa vários proxectos. Un disco dos músicos participantes, unha novela a várias mans, un libro de literatura de cordel e unha manchea de posibilidades de teatro conxunto. A vontade de dar continuidade ao encontro está en cada un deles.

'C

astelao dicia que o idioma é a chave. É surprendente que o galego una catro continentes. A lingua ábrenos moitas posibilidades de futuro". Así se manifestaba o profesor Elías Torres, coordinador xeral do encontro, no remate do *Latim em pó*. Compostela converteuse dos días 11 a 15 de Decembro en ponte cultural que une os países de ámbito galego-portugués con más de cento cincuenta participantes de todas as áreas da cultura. Por vez primeira Galiza ia se converter no centro ad acoller uns convidados que, se ben entre eles se coñecen en distintos niveis, difficilmente ven á que foi anfitrión como un dos seus. "A nosa historia é perturbadora para a propia identidade portuguesa pero temos que quebrar esa

idea. Pertencemos a esa área cultural e temos aliados imensos como Brasil e África que son potencias culturais de primeira orde", explica Elías Torres.

Na vontade do encontro estaba mostrar todo o amplio mundo que se abre a través do idioma. Empresas, axentes culturais ou os propios criadores partillaron dunha comunicación fluida e descubriron como se desaproveita esa relación que consideran beneficiosa para todos. "Un catalán do mundo musical dicíame que se eles tivesen esas posibilidades que a nós nos dá a lingua de abrírnos a novos mercados directamente xa terían explotado tanto poderan", comenta Emilio Cao, coordinador xunto Xurxo Souto da área de música.

"Podemos ser centro para África e América, ser tamén punto de entrada para elas na Europa. Estamos neses brazos comuns e hai que aproveitálos na medida en que querímos deixar de ser periferia" afirma Elías Torres. Idea que comparte co concelleiro de Normalización Lingüística do goberno municipal de Santiago e promotor do encontro, Manuel Portas para quien "o galego non precisa do español para ter relacions internacionais. A nosa proxección fóra ten que ser un feito de normalidade". Menta tamén el a Castelao para defender unha "língua extensa e útil. Podemos ter unha cultura normalizada que non camine con andíase un mercado amplio no que non preciscamos pagar alfândegas lingüísticas".



Elias Torres, coordinador xeral do encontro.

Vén da páxina anterior
gústicas. Cumpram os proxectos que normalicen as relacións, que permitan que este tipo de eventos non sexan algo novidoso".

O concelleiro decatause de como moitos dos convidados ignoraban que aquí se falase unha lingua tan próxima a elas polo que, do convívio, tirou máis un obxectivo cumplido: "dámos a coñecer nos países que se expresan no noso idioma e coñecer a rica cultura que se produce noutras literaturas e á que non temos acceso". Nesta idea tamén insiste o coordinador da área de comunicación, o xornalista Xosé Lois Palmeiro. "Nasceu a posibilidade de abrir os contactos, romper unha inércia de moito tempo, asombrar a cuestións de interese mútuo, co galego como ferramenta útil", afirma.

Libros e un disco conxunto

No balanzo de *Latin em Pó* só brancea a vontade de botar a andar proxectos comuns. Artéllase a posibilidade de gravar un disco conxunto entre todos os músicos participantes, os escritores están a traballar nun romance común e na área de teatro aventureira a posibilidade de materializar dez proxectos que impliquen a protagonistas de distintos países. "A comunicación é posíbel e iso está demostrado. Todas as barreiras que existen son mentais", aporta Quico Cadaval, coordinador da área de teatro. Na sección que xestionou, preocupouse Cadaval por afrontar os lazos que xa existían no ámbito da escena. A compañía *Trigo Límpio* ou o propio Hélder Costa participaron no encontro alavadas polas súas relacións previas co mundo teatral galego.

"Na selección intentouse non darlle carácter fundamental senón aproveitar o que temos de pasado. Conseguímos non falar de política teatral senón de arte popular. A arte moderna pésase órixinalmente cando o fan é copiar-se entre eles mentres a popular pón relación co seu tempo histórico e órixinalismo e así temos as marionetas do Alentejo ou o teatro popular de Santo Tomé ou Moçambique", afirma Quico Cadaval. Un dos proxectos promovidos desde a área é a publicación dun libro de literatura de cordel, impulsado pola presencia

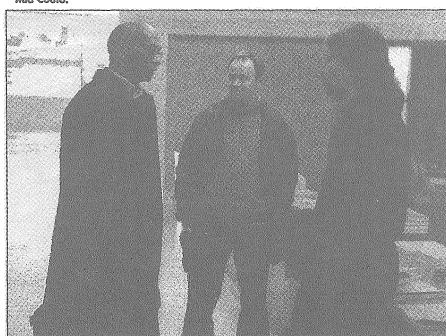
do brasileiro Zé Laurentino, con xilogravuras populares e con textos de distintas procedencias.

En canto á sección de música, Emilio Cadal relata que, fóra do proxecto de gravación común, o encontro deu de si o descubrimento dunha "sorte de complicidade entre todos estes países, nos compañeiros do viaxe que están unidos pola lingua". Os que aquí asistiron entendían que Galiza podería actuar coma unha boa porta para Europa". Na área de comunicación -relata Palmeiro- insistiuse moita na dimensión das novas tecnoloxías, na sua importancia á hora de abrir novas vías de comunicación, intercambio e difusión".

Tamén a área de literatura dará ao prelo un libro escrito a moitas manas. Trátase do relato polifílico *O cráneo do Castelo* no que participan os galegos Carlos Quiroga, Antón Lopo, Suso de Toro, Quico Cadaval e Xavier Quispe, o caboverdeano Germano Almeida, o moçambicano Mía Couto, o brasileiro Bernardo Alzemberg e os portugueses Miguel Miranda e Possidónio Cachapa. Este é un dos obxectivos que se apresentan a curto prazo, mais, a área de literatura, coordinada por Carlos Quiroga e Suso de Toro, mostra uns proxectos a longo percorrido moi más ambiciosos.

Alén de aproveitar as posibilidades da rede para a intercomunicación entre as distintas literaturas de tronco común —na idea está editar unha revista internauta— intentarán organizar

O escritor timorense Luís Cardoso, o portugués Possidónio Cachapa, e o moçambicano Mía Couto.



anualmente encontros de escritores e feiras de libros rotativas e introducir o estudo das distintas realidades e literaturas galego-portuguesas nos temarios do ensino secundario. "Queremos que os nosos fillos saibam onde está Cabo Verde. Compartilhar ese espazo de comunicación só pode ser beneficioso. Reclamamos que as nosas culturas teñan presenza nos medios de comunicación e que remate o martirio do illamento", comenta Carlos Quiroga, defensor dunha revisión da norma galega no sentido dun achegamento ao mundo lusófono, tema que foi obxecto de debate en varias das sesións adicadas á literatura.

"Un encontro más profundo é á nosa maneira de sobrevivir e os escritores teñen que ter a oursa de se decatar diso e pulsar para que se materialice. É preciso salvar os problemas técnicos e políticos que levan á separación. Unha norma más próxima abreñen un campo liso", enfatiza Quiroga.

Na mente de todos está que o encontro celebrado por vez primeira en Compostela se repita noutras cidades dos distintos países que participaron no *Latin em Pó*: Cabo Verde, Moçambique, Angola, Guiné-Bissau, S. Tomé, Príncipe, Timor, Brasil, Portugal e Galiza. Moitos miran cara Porto, que no ano que en días comeza se converterá en Cidade Europea da Cultura, tomando o relevo de Santiago.♦

Manifesto contra o abandono do galego exterior

En *Latin em Pó* prestouse unha especial atención á situación da lingua en áreas distintas ás que é recoñecida como oficial. A conclusión foi a denuncia do abandono que sofre o "galego exterior" e a aprobación dun manifesto no que se reclama a atención das institucións implicadas que foi asinado polos participantes no encontro. Das franxas límitrofes onde se fala galego estiveron presentes, entre outros, o vice-presidente da Mesa pola Defensa do Galego de Asturias, António Ron, o alcalde de Lubrián (Zamora) Felipe Lubrián, o bercián director de Edicións Positivas, Francisco Macías, o lingüista especialista no galego exterior Xavier Fries e Domingos Frades e o alcalde de San Martín de los Trébollos como representantes dos concellos galego-falantes de Extremadura.

"O estado de abandono e desídia en que se acha a lingua galega nas franxas do galego exterior e en Extremadura son un síntoma da falta de aprecio polo próprio que manifiestan as diversas institucións a respeito do noso idioma dentro da Comunidade Autónoma. Temos a sensación de absoluto desvalixamento e indiferencia". Así comeza o manifesto de denuncia que apela a esixencia recollida na Lei de Normalización Lingüística de apoio ao idioma, "que tamén é o noso", engañan.

Esixen que se promova un "fluxo cultural permanente que rompa as fronteiras" e para iso reclaman ás institucións medidas encamiñadas a promover a comunicación. En especial citan á Dirección Xeral de Cultura, Dirección Xeral de Políticas Lingüísticas, Consello da Cultura -que nos outenta organizou os encontros Lindreibeiros

da Galeguidez pero, ac seu ver, abandonaron o intento- organismos autonómicos dos distintos territorios ou mesmo á Rádio e Televisión Gallegas, a quem demandan que recolla información das diversas franxas amáis dunha desconexión en lingua galega da TVE en virtude do convívio existente coa Xunta de Galiza.

Galego, optativo no ensino

"Ninguén sabe na Galiza que hai 15 días foi aprobado no Parlamento castelán-leónes unha proposición non de lei pola cal o galego pasa a ser materia optativa nas escolas dos concellos galego-falantes" informa o manifesto ao tempo que reclama a "elaboración dun concerto de colaboración entre a Xunta de Galiza e a Junta de Castilla y León para os medios necesarios para poder impartir esta matrícula".

O coordinador da área, Xosé Manuel Sarille denuncia asimismo o esquecemento no que se atopa o galego exterior despois do esforzo que se desenvolveu por volta dos anos oitenta para establecer pontes de comunicación. Daquela, por exemplo, o concello de Lubrián recibiu 300 libros en lingua galega para a biblioteca local, remitidos pola Dirección Xeral do Libro. Desde entón non foi enviado máis material cultural a ningun dos territorios de fóra das nosas fronteiras nos que existen galego-falantes.

"Compre defender o galego exterior tamén como unha cuestión simbólica. Atención especial merecerá, por exemplo, a comunidade de falantes que desde o século XII hai en Extremadura. O abandono é tamén abandono do propio idioma", defendé Sarille.♦

Uns encontros con dificuldades

Latin en Pó non só é un nome sonoro, senón unha bonita idea, necesaria e perfectamente acada aos tempos que corren, á velocidade de impulsos por cabo ou ondas polo espazo. Os encontros entre os países que falamos un idioma de raíz común, capaces por si de entendermos sen alfandegas, o que permite sobrar os límites das élites culturais, poden dar proxectos comuns, pero, sobre todo, a occasión de coñecer máis e mellor as distintas realidades nacionais, tanto nas vertentes culturais como sociolóxicas e políticas.

Precisamente o seu coñecemento permitemos alíscar como son moitos os aírancos para una coordinación mínima, mesmo para un intercambio de información, comenzando pola continuidade destes encontros. A falta de coñecimiento e de información entre os distintos países, ainda nos membros más activos socialmente (escritores, músicos, xornalistas, artistas, políticos...) é tan evidente que algúns dos participantes descoñecían que Galiza tira un idioma próprio.

Para comezar, é preciso ter moi presente que nas ex-

ámbitos unha clara e lóxica animadversión. O feito colonial leva tamén a unhas relacións entre a antiga metrópoli e as ex-colonias onde os desencontros, os receos e os confrontos, están ainda gravitando sobre calquex proxecto conxunto e os intentos de interrelación. A supeditación a Portugal sobrevoa no subconsciente colectivo como águila rapazieira saída dos bálsamos históricos.

Queren estes países, incluída a non nata grande potencia brasileira, que Galiza xogue un papel interlocutor/moderador, orlando con ela unha posibilidade de relación de igual a igual, sen tutelaxes nen arruallas imperiais.

Pero o Portugal oficial, no que hai que incluir a bastantes intelectuais, non está polo labor, unhas veces inconscientemente, outras cunha política perfectamente calculada. Para Portugal, Galiza, como interlocutor das súas ex colonias africanas, asiáticas e americanas, fronte á UE é un perigo. A oficialidade portuguesa, segue a oír a Galiza baixo un prisma que reflecte a luz desdende Madrid. Unhas veces temente ao perigo español,

como o demonstran as dificuldades de asinar convénios (por exemplo entre universidades) que non teñen as entidades españolas. Pero a proba máis palpable é a superdación dos distintos países portugueses, malia os múltiples organismos transfronteirizos, aos designios de Madrid e a súa apostila decidida por viver de costas ao idioma é a cultura galega.

Nen que dicer ten que os distintos cónsules portugueses na Galiza, perfectamente instalados no español, nunca fixeron ren polo achegamento real entre ambos países, máis alá do aspecto comercial, o folclorismo e unhas relacións oficiais de marcado carácter decimonónico.

Os que na Galiza nos definimos por nós e para nós apostamos pola relación cos países lusófonos e, en particular por Portugal, no presente e tamén na historia. Esta lña decidida non nos pode levar a esquecer que, alén do noso territorio, tamén temos outras comunidades, os galegos no exterior que, mesmo perdendo o noso idioma, teñen que ser base principal da nosa relación porque forman parte da

A lusofonia na Galiza

Compostela — Capital Europeia da Cultura reúne as artes lusófonas

FOI APRESENTADO em Lisboa o encontro Galego no Mundo — Latin em Pô, evento que vai encerrar, entre 11 e 15 de Dezembro, a programação do Compostela — Capital Europeia da Cultura. Pode dizer-se que é uma genuína maratona que envolve espectáculos musicais e teatrais, debates entre escritores, mostra de cinema, e colóquios sobre os meios de comunicação.

Os organizadores da iniciativa não pouparam esforços. Tendo como mote «recuperar a língua e a cultura da Galiza, e comunicar-se com os outros parceiros», vai reunir em Compostela artistas, jornalistas, escritores, e músicos da «cultura comum de Portugal, Brasil, países africanos de língua portuguesa, Timor, da Galiza, e comunidades galegas emigradas». Diz o coordenador geral, Elias Torres Feijó: «Queríamos que esta iniciativa se prolongasse, prevenindo o encontro entre os artistas para que haja resultados concretos. Estabelecer vínculos comuns de um espaço da língua sem ter que pagar portagem é o objectivo do galeguismo.» O sentimento de pertença e partilha dumha cultura lusófona ficou expresso na apresentação dos jornalistas feita aos jornalistas.

Dividido em seis secções temáticas — cinema, teatro, literatura, música, meios de comunicação e comunidades do exterior — o

evento apostava num variado leque de propostas. A coordenação da secção de «Cinema» ficou a cargo de Xavier Villaverde, e contará com a projeção de filmes e debates. De Portugal passam os filmes Zona J de Leônio Vieira, Quanto Troveja de Manuel Mozos, Sinais de Fogo de Luís Filipe Rocha; do Brasil, Um Céu de Estrelas de Tata Amaral, Sermões de Júlio Bressane, Cronicamente Invivível de Sérgio Bianchi, e o documentário São Paulo, Polifonia e Cacofonia, de Jean-Claude Bruneau. Da Galiza, Blanca Madison de Carlos Amil e Xosé Manuel Cabanas Cao, Arde Amor de Raúl Veiga, e Sei Quen Es de Patricia Ferreiro.

A agenda proposta para a «Música» prevê vários debates entre os quais, no dia 13, «Fausto, a Canção Portuguesa de Autor», com a participação do cantor português e de Emilio Cao, cantor galego, em conjunto com os jornalistas Viriato Teles e Joan Manuel Estévez. A noite será a vez dos cantores e da noite africana em que participarão o grupo angolano Kussundula e artistas de São Tomé, Moçambique e Timor. A série de conversas com o público «Novas Tendências» vai reunir figuras do meio musical como Manuel Seixas, da Galiza, José Miguel Wisnick do Brasil, e Alberto Augusto Miranha, de Portugal.

A programação prevista para o «Teatro» contará com debates já no dia 12, e foi coordenada por Quico Cadaval. Vão estar presentes personalidades do meio teatral dos vários países, como Ângelo Torres, Alexandre Passos, Roberto Vidal Bofio, Zé Laurentino, Marcos Orsi, Josefina Massango, Helder Costa e Manuel Cortés. Neste mesmo dia, mas na parte da tarde haverá várias representações, e à noite o espectáculo O Pranto de Maria Parda com Maria do Céu Guerra. Vão actuar ainda grupos como o Trigo Limpo e o Entretanto Teatro.

A secção «Meios de Comunicação» foi organizada por Xosé Maria Palmeiro, decano do Colegio Profissional de Jornalistas de Galiza que programou vários debates sobre temas diversos ligados à comunicação. Mário Bettencourt Resende, do Diário de Notícias, Bento Rubido de La Voz de Galicia, Ricardo Noblat do Correio Brasileiro, Adriano Schwartz da Folha de São Paulo, José Carlos Vasconcelos do Jornal de Letras e Luís Erlanger da Globo Comunicação são alguns dos participantes desta secção.

A secção de «Literatura» foi coordenada por Carlos Quiroga e Sussi de Toro, e propõe o encontro entre escritores dos diversos países presentes, como Possidónio Cachapa, Manuel Alegre,



Luis Filipe Cataramo

Santiago de Compostela vai receber artistas de vários continentes

João Aguiar, José Viale Moutinho, de Portugal; Bernardo Ajzenberg, Cristóvão Tezza, e Márcia Denser, do Brasil; da África lusófona, Mia Couto, Germano Almeida, entre outros. Da Galiza, Carlos Casares, Manuel Rivas, Miguel Anxo Fernández-Vello, Victor Freixanes e muitos outros.

Destaque para uma iniciativa original: a escrita de uma novela policial por vários escritores «O Crâneo de Castelão», que está em negociação de publicação por capítulos em diversos jornais da Galiza, Portugal e Brasil.

J.H.

Para recuperar a língua e a herança cultural galega

Santiago de Compostela acolhe primeiro Encontro Galego no Mundo entre os dias 11 e 15 do presente mês

ANA VITÓRIA

Recuperar a língua e a cultura da Galiza, comunicar com os parceiros que se entendem através da variante latina da língua, este é o objectivo do primeiro Encontro Galego no Mundo. Aquela que será o último evento de Santiago de Compostela como Capital Europeia de Cultura 2000 assume-se como um amplo fórum de diálogo. Nele participam um leque variado de personalidades vinculadas ao mundo da cultura da língua comum — escritores, actores, cantores, cineastas, músicos, jornalistas, pensadores e sociólogos — oriundos de Portugal, do Brasil, dos países africanos língua portuguesa, de Timor, da Galiza e de comunidades emigradas.

«Um programa à altura das nossas plurais e diferentes culturas», como sublinhou Elias Torres Feijó, coordenador geral da iniciativa.

Passagem de testemunho

Esta é a primeira vez que se realiza um encontro desta envergadura. «É importante que isto se vincule ao Porto 2001, que nos sucede como Capital Europeia de Cultura. Não é por acaso que organizamos esta iniciativa em Dezembro. Queremos que seja uma espécie de passagem de testemunho. Afinal, Galiza e Portugal são como dois espelhos. Há que estabelecer vínculos entre uma língua comum sem ter que pagar portagens língusticas».

O Encontro Galego no Mundo tem também por objectivos pres-

tigiar na sociedade galega a sua produção própria, o seu uso linguístico, a sua realidade musical, literária e teatral.

«Procuraremos ainda dar a conhecer a interlocutores sociais e culturais do contorno linguístico-cultural a realidade galega», acrescentou o mesmo responsável.

«Evidentemente que também queremos estabelecer uma relação institucional do concelho de Santiago de Compostela com outras instituições do âmbito galo-português no mundo, além de apostarmos numa relacionamento estável que não se esgotasse nestes jardadas», como explicou o vereador Manuel Portela Fernández, vereador da Câmara Municipal de Santiago de Com-

postela, responsável pelo pelouro da normalização linguística, presente ontem na sessão de apresentação do programa à comunicação social portuguesa.

Numerosas personalidades

O encontro conta com a participação de numerosas personalidades da vida cultural galega, africana, brasileira, timorense e portuguesa. Do nosso país estão já confirmadas as presenças da actriz María do Céu Guerra, do cantor Fausto, dos directores de jornais Mário Bettencourt Resende, e Sócrates Carlos Vasconcelos, dos jornalistas Adelino Gomes, Manuel António Pina (editor da Cultura do Jornal da Notícias) e Carlos Pinto Coelho, responsável pelo programa Aconte-

ce, na RTP 2, dos realizadores de cinema Luís Filipe Rocha e Leônio Vieira, dos escritores Manuel Alegre, José Jorge Letria, João Aguiar e Clara Pinto Coimbra, entre outros.

Há ainda a destacar as presenças dos escritores Mia Couto (Moçambique), Ana Paula Tavares (Angola) e Germano de Almeida (Cabo Verde).

Para o encontro serão editados relatos sobre Santiago de Compostela, «Os poucos da peleira», um livro comemorativo com opiniões sobre a língua, «O músculo da boca» e um romance policial, «O Crâneo de Castelão» elaborado pelos escritores participantes, e que será publicado em capítulos em jornais da Galiza, de Portugal e do Brasil.

INTELECTUAIS DEBATEM O GALEGO NO MUNDO



Santiago de Compostela vai ser palco, em Dezembro, do "Encontro Galego no Mundo"

Escritores de Portugal, Brasil, países africanos de língua portuguesa, de Timor, da Galiza e de comunidades emigradas vão participar no "Encontro Galego no Mundo - Latim em Pó" a decorrer entre 11 e 15 de Dezembro, em Santiago do Compostela.

Este último evento daquela cidade espanhola como Capital Europeia de Cultura foi ontem apresentado, em Lisboa, pelo coordenador-geral, Elias J. Torres Feijó; Manuel Portas Fernández, vereador da Câmara Municipal de Compostela; e Carlos Quiroga, coordenador da área da Literatura.

Manuel Alegre, José Jorge Letria, João Aguiar, Miguel Miranda, Possidónio Cachapa, Clara Pinto Correia e José Viale Moutinho são os escritores portugueses com presença confirmada neste encontro, que propõe ser uma plataforma de universalidade e convívio entre pessoas de diferentes campos culturais mas unidos por uma língua comum.

Além dos autores galegos, como Mº Xosé Queizán, Carlos Casares, Júlio Valcárce, Miguel Anxo Fernán-Veloso, Rafa Villar, Víctor Freixanes, Manuel Miraglia, Francisco Souto, Igor Lugris, Xosé Carlos Caneiro, Aníbal C. Malvar, Pilar Pallarés e Henrique da Costa, vão participar os brasileiros Yara F. Vieira, Modesto Carone, Bernardo Ajzenberg, Júlio Diniz e Cristóvão Tezza. Mia Couto (Moçambique), Germano Almeida (Cabo Verde), Ana

Paula Tavares (Angola) e Lívia Cardoso (Timor) vão estar também presentes.

Língua em comum

O "Encontro Galego Mundo - Latim em Pó" visa privilegiar a língua galega, o seu uso linguístico, a sua realidade musical, literária e teatral, sociedade galega e, em particular, na de Santiago Compostela. A iniciativa pretende dar a conhecer a realidade galega a interlocutores sociais e culturais do contorno linguístico-cultural, promover realização conjunta de ações culturais entre grupos e pessoas de diferentes áreas, bem como impulsionar eventos conjuntos de intervenção sobre aquela realidade.

Literatura, Meios de Comunicação, Cinema, Comunidade do Exterior, Música e Teatro. Narrativa Oral são as áreas e destaque neste Encontro, que inclui conferências, mesas-redondas e espectáculos nocturnos (teatro, música, cinema) culminando com uma excursão Finisterre.

No âmbito do Encontro, vão ser ainda editadas várias publicações, entre as quais um oficial, intitulado "O Crâneo d'Castelao", constituído por um conjunto de relatos escritos pelos escritores participantes a ser publicada em jornais da Galiza, Portugal e Brasil.

Realteando o académico apelativo de "congreso", un cento de representantes do mundo do teatro, a literatura, a música, as instituciones, o cinema, e a comunicación déronse cita en Compostela para analizar as relações nestas temáticas entre os diferentes países que conforman a lusofonia. Unha semana de dezembro rica en experiencias e reflexións para pôr o broche a un Compostela 2000 repleto de actividades. Polas rúas mollassadas de Compostela correron as voces de xentes das artes e das lettras de Portugal, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, San Tomé, Angola, Mozambique, Timor e Galicia. Unha xuntanza que serviu para dar conta, unha vez máis que, malia o vínculo lingüístico, son ainda moitas as diferencias que separan estas comunidades esparradidas entre catro continentes. En palabras do coordinador, o profesor de filoxilia Elias Torres, desta volta Compostela non foi utilizada como a meta dun camiño, sen embargo o espacio de partida de varias iniciativas.

CRÓNICA A lusofónia como proxecto

O título que refire o encontro do galego no mundo, "Latim em pó" lembra unhas verbas do músico brasileiro Caetano Veloso, quem trouvo "gusto de gozar de rozar a língua de Camões", como recordou o profesor carioca José Miguel S. Wisnik, no sentido do enriquecemento que supón o contacto con outras culturas asentadas sobre unha lingua común. Ese espacio común que o encontro refería, onde todo, ou case todo, semella afín de facer.

Foron seis días a todo tren. O abano de contidos era tan amplio que resultaba imposible de resumir nunha axenda potable que lle permitisse ó público fruír das diferentes voces e representacións artísticas, pois as programacións das distintas árees desenvolvérseon simultaneamente ó longo das xornadas. Moi lonxe do "congresualismo", este encontro abriu con ritmos africanos e pechou cun espectáculo multicolor e musical onde se mesturaron melodías de diferentes culturas. Coloquios, conferencias, lecturas, recitais, actuacións musicais e teatrais, proxeccións filmicas, performances... toda unha feira dos sentidos trazada a partir da lingua común, o galego.

Como resumiu o coordinador Elias Torres, "a Compostela todos chegamos cheos de coñecementos", parafraseando a Konstantinos Kavafis, coñecementos desde os que se alibsan os novos camiños a trazar e percorrer en base á tolerancia e cooperación. Unha solidariedade que aproveitou para reclamar o escritor mozambiqueño Mia Couto, ameaçado no seu país, onde hai pouco saíu ileso dun atentado.

Último acto do programa Compostela 2000

"Galego no Mundo - Latim em Pó" é o tema de um encontro de escritores, cineastas, actores, sociólogos, pensadores, músicos, jornalistas, directores de teatro e de muitos outros artistas do universo linguístico galego-luso-afró-brasileiro que decorre entre hoje e sexta-feira, em Santiago de Compostela, como último acto do programa "Compostela 2000 - Capital Europeia da Cultura".

Este encontro, que conta com o apoio do Instituto Camões e da Universidade de Santiago de Compostela, entre outras prestigiosas instituições, propõe ser um ponto de convívio entre pessoas de diferentes campos culturais unidos pela língua como vínculo e um contributo para o conhecimento das diferentes realidades e iniciativas que individualizam esta cultura específica.

Além de colóquios sobre a própria língua, temas culturais e sociológicos, o programa inclui ainda espectáculos de toda a ordem, do cinema ao teatro, à música e a edição de várias publicações, entre as quais um romance policial com múltiplos actores denominado "O Crâneo de Castelao".

Importa destacar também a presença neste encontro de nomes bem conhecidos da cultura africana e brasileira, como os escritores Mia Couto (Moçambique), Ana Paula Tavares (Angola) e Germano Almeida (Cabo Verde).

Correio da Manhã, 11-12-2000, p.37.

GrandeAmadora

Portugal e o seu mundo - 1000000 U. 00 5. Documentos Registos & Anais N.º 28 - 25. Dezembro 2000



"Latim em Pó" em debate na Galiza

Santiago de Compostela capital da língua

Durante cinco dias, em Santiago de Compostela, o Encontro Galego no Mundo "Latim em Pó" juntou na capital da Galiza quase 150 artistas, escritores e comunicadores de todo o mundo lusófono. O GrandeAmadora esteve lá e deu-se conta das particularidades das diferentes culturas que tiveram o seu berço linguístico a norte do rio Minho.

P.16

Grande Amadora, 22-12-2000, primeira página.

Os poucos
da pedra
The stone sediments
compostela

Os Poucos das Pedras, textos sobre Compostela, oferecidos aos participantes.

COMPUBLICAÇÃO COMPUBLICAÇÃO

Do músculo da boca





BERTO AUGUSTO MIRANDA
RERTO MVUNDI
EXANDRE PASSOS
IA PAULA RIBEIRO TAVARES
IA ROMANÍ
IGELO BREA
ITÓN LOPO
TURO CASAS
RNARDO AJZENBERG
RNARDO CARVALHO
RLOS AMIL
RLOS CASARES
RLOS QUIROGA
RLOS SANTIAGO
ARA PINTO CORREIA
AUDIA CAMPOS
ITÓNIO DA COSTA NETO
ISTINA DOMÍNGUEZ DAPENA
ISTÓVÃO TEZZA
OMINGO FRADES
IAS TORRES FEIJÓ
MILIO CAO
USTO BORDALO DIAS
LIPE LUBIÁN LUBIÁN
ANCISCO PÉREZ
ANCISCO RODRÍGUEZ
ANCISCO SOUTO
RMANO ALMEIDA
ELDER COSTA
ENRIQUE DACOSTA
OR LUGRIS
LANDA ALDREI
NELO DACOSTA
AN CLAUDE BERNARDET
ÃO AGUIAR
ÃO GUISAN
EL R. GÓMEZ
SÉ AMARAL
SÉ MIGUEL WISNIK
SÉ JORGE LETRIA
SÉ RUI MARTINS
SÉ VIALE MOUTINHO

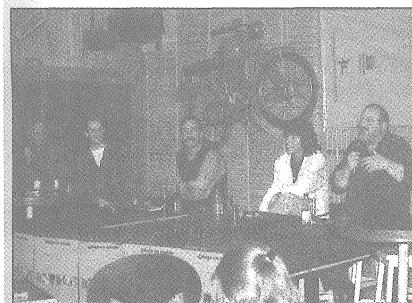




JOSEFINA MASSANG
JUAN M. CARRASCO
JÚLIO DINI
LOIS DIÉGUEZ
LUÍS CARDOSO
PAULINHO TAPAJÓ
LUISA VILLALT
LUÍS ÁLVAREZ POUSS
LUÍS FILIPE ROCHA
MANUEL ADELINO FERREIRA
MIA COUTO
MANUEL MIRAGAI
MANUEL RIVAS
MANUEL SEIXAS
MARCIA DENSE
MARÍA XOSÉ QUEIZÁ
MIGUEL ANXO FERNÁN-VELL
MIGUEL MIRANDA
MODESTO CARON
ODETE SEMED
PILAR PALLARÉS
POSSIDÓNIO CACHAPIÑA
QUICO CADAVÉ
RAFA VILLA
RAÚL VEIGA
ROSA MARÍA TORRE
SEBASTIÁN MÉNDEZ PÉREZ
SUSO DE TORRES
TATA AMARAL
UXÍA SENLL
VÍCTOR FREIXANE
VÍTOR VAQUEIRO
XAVIER FRÍAS CONDE
XAVIER SEOANE
XOSÉ CARLOS CANEIRO
XOSÉ PAZ ANTÓ
XOSÉ XOÁN CABANAS CALVO
XOSÉ MANUEL SARILL
XOSÉ M. ÁLVAREZ CÁCCAMAS
XULIO LÓPEZ VALCÁRCEL
XURXO SOUTO
YARA FRATESCHI VIEIRAS

- **O** inimigo está na casa, non fóra, concluíuse unanimemente na última das sesións que pechou **Manuel Cortés**, integrante do grupo Chévere de Teatro, quen denunciou a falta de interese das institucións en fomentar as relacións teatrais entre Galicia e Portugal. "A colaboración entre Galicia e Portugal é unha das saídas naturais, por non decir a más urgente, no desenvolvemento do traballo teatral e de apertura a un novo mercado", sublinhou. Mais as dificultades para esta cooperación non son pocas, dificultades como o desequilibrio evidente entre as condicións económicas e de infraestructuras en Galicia e Portugal, a falta de vontade por parte dos programadores para estar sobre os prexúzos que puiden público con respecto á lingua portuguesa e, como non, o escaso apoio por parte das institucións para apear todos estes obstáculos. O presidente de **Cena Lusófona**, asociación que, desde o 1995, está a fomar cambio e o coñecemento entre países do ámbito lusófono, invitou á superación de barreiras. "É perfectamente integrar Galicia nese circuito intercultural. É todo un desafío para as institucións que poidan traballa

Aínda que o camiño siga a ser escuro, as xornadas desde logo serviron para axudar a **tender ponte** do actual ignorantismo mutuo que caracteriza o escenario lusófono. Axudando, sobre todo, a coñecer países que componen o ámbito da lusofonía. O **Latim en po** tamén se converteu en marco para o intercambio de experiencias e de distintos modos de facer de coñecidas compañías de acó e aló do Miño. Como se reuniu integrantes dos grupos portugueses **Trigo Limpo** e a **Barraca** e os galegos **A Factoría** e **Sai**. Ninguén como **Ze Rui** soubo sintetizar as expectativas que abriron estas xornadas: "Moitas veces constan comuns que, malia alimentar unha relación nunca se chegan a cumplir. Quixería que algún dos soños cun lado, polo menos, se chegue a cumplir".



Da literatura fratria. As xornadas literarias acabaron por constituirse en auténtica festa das letras da área lusófona na que se deron cita autores portugueses, brasileiros, guineanos, angolanos, caboverdianos, mozambiqueños e timorenses. Nas distintas sesións abertas ó público, os asistentes tiveron oportunidade de achegarse un chisquío máis á realidade destas escrituras fortemente marcadas pola crúa realidade política e económica que en moitos destes países se está a vivir e que moitas veces marcan o seu carácter como **arma de resistencia**. Ó longo das xornadas puidéreron escutar testemuños sangrantes como o do mozambiqueño **Mia Couto** ou o do timorense **Luis Cardoso**.

Nas xornadas destacouse o papel de **Portugal**

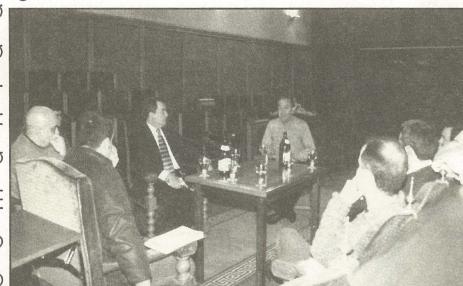


como eixe vertebrador de todas estas realidades mais na sesión dedicada ós autores portugueses, o país da outra beira do Miño volveuse mostrar como unha namorada esvaradá. Non son poucos en Galicia os que defenden a **necesidade dun achegamento a Portugal**, literario e lingüístico, empregando como un dos moitos argumentos posibles a posibilidade de descubrir no país veciño todo un mercado aberto. Mais os autores convidados ó café portugués evitaron meter o dedo na chaga e limitáronse a reivindicar o afondamento no coñecemento mutuo de literaturas tan próximas e tan afastadas á vez. O más explícito foi o escritor e xornalista portugués **Viale de Moutinho** "Son problemas que deben resolver vostedes. Non nos poden pedir a nós que los resolvamos".

O escritor galego **Guilán Seixas** lamentou esta falta de pronunciamento por parte dos portugueses e reivindicou con convencemento o papel de Portugal como nexo entre os distintos países e nacións que componen o ámbito lusófono. "A nosa relación con caboverdianos, angolanos, brasileiros, timorenses... ten que ser a través de Portugal, mais Portugal non adopta este papel". Un achegamento necesario máis complexo pois o mercado editorial luso convértese en **muro inexpugnable** para moitos dos autores das outras literaturas do ámbito lusófono. Os **prezos** dos libros brasileiros, por exemplo, son prohibitivos en Portugal e o mesmo acontece no Brasil. As obras de escritores africanos e do Timor, pola súa banda, son praticamente desconocidas en Occidente. Quizais pouco se poida facer de momento fronte ós espíños da industria editorial ou do **desinterese institucional** mais os convidados puxeron toda a súa vontade no coñecemento mutuo, no intercambio de experiencias e no **compromiso individual** para axudar a aproximar un pouco máis ós espallados e distantes integrantes da área lusófona.

As administracións turronas. No Salón Nobre de Fonseca desenvolvérse as conversas sobre as chamadas "comunidades galegas no exterior". Unha área coordinada polo ex-presidente da Mesa pola Normalización Lingüística, **Xosé Manuel Sarile**. Era a primeira vez, desde 1989, que se sentaba ao redor dunha mesa a unha nutrita representación das comunidades de galegofalantes; e tamén foi a primeira dí a que se tirou para o público un manifesto conclúinte. Esta área serviu para actualizar os coñecementos e experiencias das outras franxas do Estado onde se fala galego. As situacions distan moito entre si. Desde o illamento –pero tamén riqueza- que experimentan as tres poboacións estremieiras onde continúa a falarse galego; os choques coa administración asturiana que se nega a recoñecer outra lingua dentro do seu territorio (outra lingua que non sexa o español); ou a comarcalidade diferenciada do Bierzo, onde os alcaldes, en plan informal, cada vez que hai que pedir orzamentos, ameazan con secesionarse de León.

Esta mesa de debate introduciu a presencia da comunidade galega na diáspora, centrada especialmente nos Estados Unidos, país onde conviven, sumando as comunidades portuguesa, brasileira e africanas, uns 60.000 galegofalantes. Sobre este eido achegaron o seu testemuño **Adelino Gomes**, director do *Portuguese Times of Boston*, **Manuel Lago**, emigrante en Newark (Nova Jersey) –gasolineiro que viaxa do galego da Costa da Morte ao portugués segundo cambia de rexistro-, e **X.M. Oliveira "Pico"**, que conviviu coa comunidade galega de Nova York. A situación desta **comunidade multicultural** garda certas semellanzas –a escala– coa hispana. Os compañeiros de conversa coincidiron en salientar as semellanzas entre as diásporas galega e portuguesa no sentido de que transportan o **minifundio** alá onde se asentan. Unha imposibilidade endémica de xungir os galegos nunha asociación ou institución, pola contra das outras grandes comunidades emigrantes do planeta, como os xudeus, os irlandeses e os armenios. Unha situación, a nosa, de multifuncionalismo que foi resumida –críticamente- como unha delegación exclusiva do PP para a recolleita de votos.



O desfile das culturas. A área de música, coordinada de forma conjunta entre **Emilio Cao** e o ex-Diplomático **Xurxo Souto**, foi a más fructífera polos nós que atou para futuras colaboracións. As mesas a desenvolver durante as mañás do encontro convertéronse nun rico intercambio de coñecementos e experiencias entre os membros das diferentes culturas que engloba a lusofonía. Os diálogos impartidos polas tardes serviron para reiterar, unha vez máis, as distancias que separan a producción musical e a forma de entendela nos países que comparten a raíz lingüística galegoportuguesa.

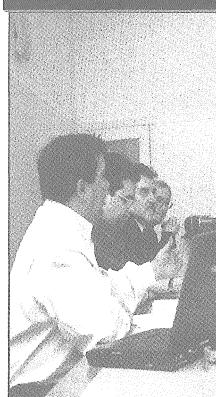
Xuntouse en Santiago unha receita musical rica en ingredientes a través de actuaron por diversos puntos da cidade: Pazo de Bendaña, Auditorio de Galicia, discoteca NASA. A música serviu de apertura do encontro coa música dos angolanos **Kusílola** –coñecidos en Galicia a través do programa da TVG Xabarín Clube- e pechouse c espectáculo multimedia nun escenario "ultranocurno" polo que desfilaron xéneros, traxes e linguis. Polo medio sorprendéronos as voces de **Uxía Senlle** e **Guadi Galego** que, en homenaxe ó cantautor portugués **Fausto**, presentaron en directo dous pezas. E para redondear o espectáculo as noites foron tomadas polos ritmos estrepitosos dos **DJs brasileiros** e a conxunción, no Auditorio de Galicia, de cantos en portugués e linguis orixinarias dos países de lingua portuguesa: **Angola -Paulo Flores-, San Tomé -Juca-, Mozambique -Costa Neto-, Timor -José Amaral-** só co acompañamiento dunha guitarra. Esa noite Galicia asistiu ao parto do B.B. King da **Guinea Bissau**, **Manecas Costa**, todo un portento das seis cordas que se resistiu a retirarse do escenario, fascinado polo público. Outra gran descuberta, pero xa a nivel europeo, foi o da música da illa atlántica de Santiago, de man da **comunidad caboverdiana de Burela**, reunidos no grupo **Tabanca**.

As conferencias demostraron que ainda quedan moitos obstáculos que salvar. **Uxía Pedreira** -directora do conservatorio de música tradicional de Lalín e vocalista do grupo Chouteira- e **Rosa María Torres** -directora do conservatorio de Braga-, incidiron na necesidade de potenciar a **docencia da música tradicional**. Alén diso, os outros conferenciantes afondaron nas diferencias entre as tradicións musicais dos países da lusofonía e as interferencias doutras culturas. O máximo representante da canción popular portuguesa, **Fausto**, incidiu nas **interferencias** do inglés entorpecedor do desenvolvemento dos estilos musicais portugueses, idea que se contrapón coa do galego **Manuel Seixas -Korosi Dansas-**, para quem o pop e o rock marcan e **enriquecen** as novas xeracións de músicos galegos. **José Miguel López**, xornalista de Radio 3, veu completar a idea argumentando que **Galicia perdeu líñas musicais** como a do rock ou a canción popular, mentres hoxe triunfa un xénero folk más afamado cara ó contorno comercialmente "céltico". O escritor portugués **Alberto A. Miranda** incidiu no **truncamento** da tradición musical que no país luso supuxo a dictadura salazarista. Brasil foi sintetizado polo profesor **José Wisnik**, allexo a estes prejuizos sobre a intercomunicación cultural, como unha comunidade musicalmente **rica** fruto da **conxunción** dos ritmos africanos e as letras portuguesas.



As trabas dos mercados multinacionais. As mesas de cinema, baixo a coordinación do director Xavier Villaverde, viñeron demostrar que na área cinematográfica o desconocemento é moi maior entre os países da lusofonía, por razóns comerciais e lingüísticas. Pola contra, si foi unha oportunidade para ver, na céntrica sala Yago, unha serie de filmes estrangeiros que de ningunha outra forma poderían ser visionados no noso país. A isto habería que engadir que o mercado cinematográfico brasileiro, que produce unhas 40 películas ao ano, está reducido a unhas élites culturais e económicas ademais de verse asolagado, en maior medida que Galicia e Portugal, por produtos norteamericanos. Acompañaron a preestrea do filme galego *Blanca Madison* a as películas *Arde Amor*, de *Ratil Veiga*, e *Sei quen es*. Nos debates xerais a posterior, os representantes da industria (?) cinematográfica galega viñeron corroborar unha vez máis o alto grao de dependencia da nosa producción de outras áreas: técnicos e actores "ganco".

Pero, con seguridade, foron as brasileiras as películas más gabadas. *Cronicamente inviable*, de *Sérgi Bianchi*, *Um céu de estrelas*, de *Tata Amaral* e o documental *Sao Paulo. Polifonia e Cacofonia*, de *Jean-Claude Bernardet* deixaron pegada na retina dos asistentes. O cinema social impresionou notablemente o público galego, que non está aféito á cruceira das imaxes da violencia nas rúas brasileiras, persecucións policiais e autopsias en directo. Bernardet luciuse neste encontro cun producto tecnicamente innovador ó confeccionar con retallos de outros filmes unha crónica tremenda verídica sobre as perspectivas urbanas do país carioca e a vida que nelas pula. A parte portuguesa estivo representada polos filmes *Quando Troveja*, de *Manuel Mozos*, e *Sinais de fogo*, de *Luís Filipe Rocha*, dous dos 25 títulos que o país veciño vén producindo anualmente. O encontro mereceu un longo aplauso do público reconhecendo o titánico labor de achegar a Galicia filmes que, de non contar con estas iniciativas particulares, pasarían completamente inadvertidos, debido ó control exercido neste mercado polas distribuidoras multinacionais.



Frente á desinformación na área lusófona. A facultade de Ciencias da Información converteuse en marco para a discussión e o debate sobre os grandes problemas e retos ós que hoxe en día ten que fazer fronte a comunicación, problemas como a discriminación da cultura na época da espectacularización audiovisual e retos como a subida ó tren das novas tecnoloxías ou a posibilidade de construción de novos ámbitos interculturais no escenario da globalización. Con este fin xuntáronse en Compostela profesionais da información galegos, brasileiros e portugueses. Foi precisamente na xornada clausal na que máis se falou das posibilidades de actuación no ámbito da lusofonía. *Alfonso Sánchez Izquierdo*, director de La Región, fixo mención ó fracaso da revista *Arco Atlántico*, unha publicación de carácter semanal que pretendía recoller a vida de Galicia e Portugal e que non saíu adiante debido ás grandes diferencias de concepto entre os socios galegos e portugueses en temas como, por exemplo, a lingua. Malia estas dificultades, *Lois Rodríguez*, director do portal galego *vieiros.com* recalcou que aqueles que quixeren abrir espacios de comunicación no ámbito da lusofonía non só deben usar Internet, senón tamén os medios de comunicación convencionais. Lois Rodríguez fixo referencia ó "Canal Lusofonia", creado en *vieiros* hai ano e medio, que nos permitiu vivir, mesmo antes que o referenciaren nas súas portadas os outros medios, a traxedia das inundacións en Mozambique.

Non obviaron os relatores o marco no que se están a dar estas tentativas de interrelación, o campo de batalla da globalización. Neste senso, a mirada más crítica foi a de *Alfonso Eiré*, director de A Nosa Terra, quen denunciou o feito de que a mundialización da información estea a tornar en mercadaría a información. Mirada crítica que nunca se debe esquecer ainda tendo en conta as armas do inimigo tamén poden ser empregadas para os nosos propios fins, neste caso, o aproveitamento das novas tecnoloxías para potenciaciación do propio fronte ó global e a interrelación de culturas próximas a nós.

Do esfarelado latín en po, espallado polos máis distantes currunchos do mundo, diríamos que se acudou en Compostela unha sabrosa masa adubada polo intercambio de experiencias e a aproximación de realidades non tan afastadas. Os encontros serviron algo máis que para lembrar a nosa irmandade lingüística dentro da comunidade lusófona, tal como indica o coordinador, *Elias Torres*, na súa carta de comité ós xomadas. Aínda que é cedo para falar de proxectos concretos, moitas ideas buligan entre os 150 participantes. Na área de literatura, por exemplo, teñen proxectado publicar unha novela políglota escrita a varias mans, *O cráneo de Castelao*. Os fondos destinaranse a Mozambique, país afogado na miseria traís inundacións. A iniciativa surdiría a partir da chamada á solidariedade do escritor mozambiqueño *Mia Couto*. Carlos Quiroga, coordinador da área de literatura, falou da posibilidade dunha publicación en Internet como portal de intercambio entre os escritores, ademais da organización de encontros e feiras de libros rotativas. Xa a máis longo prazo, o coordinador da área de literatura considera necesario acudar a ensino destas realidades literarias nos cursos de Secundaria. Outra das áreas más fructíferas en proxectos foi a de teatro, onde se comentou a posibilidade de levar adiante varias iniciativas de colaboración conjunta entre as compañías, así como a participación en xirias e a publicación dun libro de literatura de cordel. Os participantes na área de comunidades no exterior elaboraron un manifesto no que reclaman maior promoción polas administracións, así como a un espacio informativo na TVG para as comunidades gallegofalantes vecinas. Quizás o que máis se distinguíu foi a vontade individual de cada un dos convidados en comprometerse neste obxectivo de coñecemento múltuo. Tal como espallou o cantautor brasileiro Caetano Veloso: "A lingua é minha Pátria/E eu nao tenho Pátria: tenho matria/E quero frátria".

Texto Belén Puñal, Francisco Seoane, Iván Cozinha

AS PÁTRIAS DO 25 (II)*

ELVIRA SOUTO

[Este artigo foi escrito hai já alguns meses por encargo dos promotores da revista NOVAS DA GALIZA para ser publicado no seu primeiro número. Por razons que ignoro, os redactores decidirom prescindir dele e como se trata de um texto que há de ser lido antes da Pátria do 2002, acolho-me ao generoso convite do seu director para o dar à luz nas páginas isentas de OMÁXIMO]



A PÁTRIA DO 84

Esta é umha pátria em Lisboa. Pequena em número e pequena em aspiraçons : um grupo de galegas/os do curso de férias numha casa de comidas da Baixa, propriedade de emigrantes ourensanos. Nom mui grande também em saudades esta pátria, que a ausêncía é breve, a cida-de luminosa (e ainda assim tam galega) e o local situado ao pé dessa sociedade cujo nome extravagante (La Juventud de Galicia) nos impede esquecer, mesmo a tantos quilómetros de Compostela, a nossa condiçom de híbridos culturais. Do menu fica na lembranza apenas a pescada frita (pátria com peixe descongelado nunca mais esquece). A companhia no entánto lembra-se na íntegra. A maioria é galega, claro, mas também está lá umha senhora portuguesa (Isabel da

Nóbrega) e o seu acompanhante, na altura também homem seu (José Saramago, futuro prémio Nobel). Depois da pescada, sobremesa. Café e discursos. Isabel anima o homem (Tes de dizer qualquer coisa) e ele deixa-se animar, que sabe ser bom orador. A arrancada é promissora : Galiza nom é Espanha. E o resto, nem se diga : Galiza tem direito a ser livre, Galiza há de ser soberana, a Galiza tem de olhar para Portugal, Portugal tem de olhar para a Galiza, Galiza tem em Portugal o seu sul, Portugal o seu norte na Galiza, a língua da Galiza é a língua de Portugal, a língua de Portugal é a língua da Galiza, etc.etc.etc. Assim, nesta conversa, umha boa meia hora. Mais tarde, na tal sociedade de nome extravagante, pandeiradas e moinheiras. Atruxos. E agora sim, quase de repente, grandes saudades. Também de ti, Isabel da Nóbrega.

*A primeira entrega desta breve revista das pátrias do 25 apareceu no jornal electrónico www.galizalivre.org no passado mês de Julho. Escrito antes do 25 do 2001, e sem intençom de que algum dia vinhesse a ter continuidade, naquele primeiro artigo revisitavam-se os aconteceres dalgumhas pátrias (1964, 1975, 1976....2000) que, se bem nom alteraram o rumo da história do país, sim contribuírom a encher o baú onde se guardam as anedotas que nos ajudam a nom desesperar. Logicamente, nom se incluía ali nengumha referência às pátrias do 2001, nessa altura todas elas ainda em processo de gestaçom. Mas agora que já alá vam, e embora decorridas umhas e outras sem grandes surpresas nem sobressaltos, chegou talvez o momento de dedicar-lhes algum comentário. Como entretanto saltou à memória outra pátria que parece interessante e sobre a qual nada se dizia na anterior entrega, decidimos incorporá-la aqui, junto com as mais recentes, para que quem leia poda mais umha vez constatar que poucas vezes, talvez nunca, as cousas som o que parecem (a frase, ainda que gostaríamos, nom é nossa senom do protagonista da pátria do 84).

AS PÁTRIAS DO 2001

Onde no 2000 foram duas, agora calhou serem três. Umha, a pátria do grande cortejo de sempre, a que já nom tem surpresas e engorda na rotina. As outras, as duas sub-unidades da unidade antes unida e agora volta a desunir. A pátria biforme e bipartida. A bi-pátria. A pátria bifurcada. Frente/unidade que porfia em sonhar-se popular. Dous cortejos menores e os dous igualmente rotundos. Os dous igualmente confiantes. O futuro é deles porque na noite anterior um concerto de rock congregou milhares.

POLA TARDE FESTA RACHADA

15'30. Carvalheira de Sam Lourenço. Sol a prumo. Sob pérgula elegante, os principais recebem os convidados. Bom serviço. Boa mesa e bom vinho. Quem entende, aprecia. Bautista Alvarez, por exemplo. Magnífico apreciador. Agita um braço eufórico saudando os que por ali passam (e ainda nom som as quatro da tarde). O resto desfruta da romaria com algo mais de sossego. Viola e guitarra portuguesa. Biscoito amarelo em potas de esmalte, melindres, empanada. Vinho e gasosa. Termos de café.

17 horas. Campus Sul. Churrasco na brasa. Na erva, corpos exaustos embalados pola música hip-hop de umha equipa de alta fidelidade. Demasiada luz para estes gestos aprendidos na noite. Para estes trejeitos de ressentimento. À sombra, em torno a umha mesa improvisada, uns poucos veteranos procuram manter viva a conversa. Hai que escorrentar a modorra. Outros dous já desistirom. Um grupo de jovens, rigorosamente monolíngues, deambula polo lugar em busca de abastecimento gratuito (Tu, me dás un cigarrillo? Oye, me das água?). Algumhas caras da noite compostelana, conhecidas e igualmente monolíngues, encontram também aqui um canto onde pousar. Estám em casa. No lar comum. Na margem compartida e fraccionada. Unidas umhas e outros num letargo a-ideológico de gueireiros derrotados sem batalha. Ajuntamento mesmo assim pouco viçoso. Que alguém se obstina em chamar romaria e popular. Da outra metade, a frente da bi-pátria, nada sabemos. Menos amiga de erva ao sol, opta por exhibir as vergonhas em privado. Comedor universitário no Monte da Condesa. E depois para casa. De aqui num ano.



ANOTAÇONS A PROPÓSITO DA UPG E DO PAPEL DE C. E. FERREIRO E OUTROS

Em memória de Celso Emílio Ferreiro

LUÍS GONÇALES BLASCO

Um problema que está prejudicando há anos o nacionalismo galego é a persistência em certos sectores e pessoas do mesmo de um forte sectarismo que pode impedir a consolidaçom e o incremento dos evidentes avanços logrados nos últimos anos. O mais triste é quando este sectarismo se dá em pessoas que possuem, aliás, evidentes qualidades, tanto políticas como intelectuais.

O tono deste trabalho pode aparecer um tanto pessoal mas é que, precisamente, nas relaçons interpessoais é onde o sectarismo pode aparecer com mais facilidade. Porém, como venho de insinuar o sectarismo é um grave problema político e deve ser combatido ali onde aparecer. O sectarismo é o verme que corriu umha organizaçom democrática e leva à sua transformaçom numha organizaçom onde a democracia nom passa de ser, no melhor dos casos, umha anhorada lembrança.

Tal é o caso do deputado no parlamento espanhol Francisco Rodríguez, um excelente crítico da nossa literatura, um parlamentário de evidentes dotes, um entussiasta nacionalista, um inteligente político, um bom orador e um home de inegaveis qualidades humanas mas com umha forte componente sectária no seu carácter que o leva a cometer graves erros e injustiças e, inclusive, a falsificar a história recente do país.

Há tempo que tinha a ideia de escrever algo a propósito disto mas sempre o fora adiando por considerar que podia resultar prejudicial para os interesses do nacionalismo.

O que me decidiu finalmente foi o meu encontro com Manuel María e Saleta o 17 de Maio de 1999. Saudei-nos cordialmente, como bons amigos que som, mas nom demorei com eles já que entre ambos estava Francisco Rodríguez que, com a olhada diria-se que perdida mas justo face a mim e a menos de dous metros, ignorava completamente a minha presença. Resultando-me violenta a situaçom, fum-me depois de abraçar Saleta e Manuel.

Esta atitude de F. Rodríguez com respecto a mim nom era umha novidade mas tampouco era algo sistemático. Já há anos que, sem eu saber as razons, quando me encontro com el, só ou acompanhado, ignora absolutamente a minha presenza ainda que em outros casos sauda-me e até cruzamos algumas palavras com certa cordialdade. Durante muito tempo guardei esta atitude na minha intimidade ou comentei-na privadamente com alguns amigos. Quando se tratava de amigos comuns disculpavam-no dizendo "cousas de Paco". Ignorante dos motivos que podiam provocar estas reacções ficava em mim a moléstia de nom saber se devia saudá-lo e ficar sem reposta ou nom o fazer e ficar como descortês. A cousa chegou a límites de que algum velho amigo e antigo camarada que sempre me saudava cordialmente, se vinha acompanhado de F. Rodríguez aguardava pola reacção do seu companheiro para ver se via nel algum síntoma de começar um gesto de reconhecimento ou nom, segundo for cruzavamos-nos como três desconhecidos ou intercambiávamos algumas palavras. Devo dizer que pola minha parte tenho-o felicitado publicamente depois de algumha conferência ou outra actividade sua das que gostara especialmente. Ignoro portanto as causas do seu proceder. Nom deveriam ser políticas já que com muitos dos seus camaradas mantenho excelentes relaçons persoais.

Até aqui trata-se só de umha questom mera mente pessoal e que nom deveria dar origem a nengum escrito meu. Trataria-se, segundo alguns dos seus amigos, de "cousas de Paco" ou segundo o livro de Blanco Amor de "boas maneiras". Mas o assunto já tivo um par de repercussons públicas: umha por omission e outra por alusom e ainda que nom som recentes penso que nom é bom deixá-las sem esclarecer por mais tempo. Além disso já chegara à conclusom de que os prejuízos para o nacionalismo som maiores ocultando o sectarismo existente no seu seio do que denunciando-o para poder ser corrigido.



Examinarei em primeiro lugar a omissom: No número 29 da *Gran Enciclopedia Gallega* figura a voz *Unión do Povo Galego*, o artigo está sem assinar mas conheço por fontes absolutamente fidedignas que o seu responsável é Francisco Rodríguez: Reproduzo o último parágrafo sublinhando alguns vocábulos que encontro significativos:

Como resulta mítica y equívoca la lista de presuntos fundadores de este partido en 1964, mencionamos a continuación los que redactaron entonces los puntos programáticos (los famosos diez puntos): Xosé Luis Méndez Ferrín, Raimundo Patiño, Xosé A. Arxona, Bautista Álvarez y M.ª Xosé Queizán. En el acto de Santiago, del 25 de julio de 1964, estuvieron presentes: Xosé Luis Méndez Ferrín, Raimundo Patiño, Xosé A. Arxona, Luis Soto, Celso Emilio Ferreiro.

Este erro propiciou que outros autores que consultárom esta fonte dessem também esta lista equivocada. Tal ocorre com Rubiralta Casas que dá a mesma lista de assistentes ao jantar da Rocha mas como consulta outras fontes acrescenta tamén participaran na súa constitución Bautista Álvarez, M.ª Xosé Queizán, Luís González Blasco "Foz", e Manuel Caeiro. Luís Soto, na página 264 das suas memórias também me cita como um dos comensais da Rocha. Se cito a autoridade de Soto é porque el también estava ali mas poderia citar outros como Álvarez Cáccamo ou Rivas e Taibo que também me citam entre os assistentes à Rocha; por suposto existe outra testemunha de excepcóm que som eu próprio, quem nom estava ali era Francisco Rodríguez e gostaria-me saber donde recolhe a informaçom que dá, nom creio que nengum dos que el cíta como assistentes (houvo mais) lhe desse tais dados. Há algo em comum entre os que citam a minha presença no famoso merendeiro? Si, nengum deles pertence à actual UPG. A estas alturas parece bastante ridículo que eu esteja a discutir sobre a minha presença ou ausença num lugar determinado e num dia preciso mas nom som meus os adjetivos *mítico*, *equívoco* e *presunto* e suponho que algumha razom haverá para utilizá-los.

No parágrafo que, sem provas por nom poder citar as minhas fontes, atribuo a F. Rodríguez há umha curiosa diferenciaçom entre a elaboraçom dos dez pontos e o acto da Rocha, nem sequer os protagonistas coincidem completamente. A que se está a jogar? Hoje poderiam-se estabelecer essas diferenças de datas mas numha das épocas mais duras da ditadura, precisamente com Fraga

de ministro, tal cousa resulta completamente absurda e isto sabe-o bem F. Rodríguez que lutou contra aquela ditadura. Que podíamos estar fazendo os que nos reunimos na Rocha o 25 de Julho de 1964? Limitar-nos a comer cabrito convividos polo sempre generoso Soto? É evidente que nom.

Os dez pontos fôrom-se elaborando durante um longo processo de reunions começado já em 1963 quando se produz em Madrid o primeiro intento fundacional da UPG, interrompido polo fracassado projecto do *Conselho da Mocidade*. Mas a sua discussom e elaboraçom final fijo-se o 25 de Julho de 1964. A prova de que este tipo de reunions nom se fazia por puro prazer tivemos-la o 25 de Julho de 1965 em que por nom tomarmos as medidas de precauçom suficientes tivemos diversos problemas: Soto foi expulso do país e eu "visitei" o comissariado de Lugo ainda que sem maiores consequências. A polícia franquista sabia muito bem que umha reunion de gentes de diversos lugares do país e da emigraçom nom tinha como motivo exclusivo umha inocente comida.

Até aqui o primeiro dos factos que Francisco Rodríguez poderia -num alarde de cinismo- negar já que o artigo da enclopédia está sem assinar e a minha discussom impede-me revelar as minhas —seguríssimas— fontes de informaçom mas o segundo dos factos nom pode ser negado já que está assinado por Francisco Rodríguez Sánchez e figura no especial d'A Nosa Terra: *A Nosa Cultura 11*, dedicado a Celso Emilio. O contributo de F. Rodríguez chama-se *Longa noite de pedra, libro crucial* e ocupa as páginas 74-76 da revista⁽¹⁾. Reproduzo a nota 14 do trabalho aludido, umha nota bem longa para um trabalho tam breve:

As relaçons de Celso Emilio Ferreiro coa UPG durante a sua estâancia en Venezuela facíanse através de Europa (Suíza e París). Estas relaçons foron progresivamente más distantes até o extremo de que, á sua volta, o podemos considerar desvinculado deste partido. Dificilmente podia a UPG expulsar en 1974 do seu seo a Celso Emilio cando este non era militante. Nembargantes, a primeira vez que Celso actuou como conferiante e poeta perante un público galego, despois da sua volta de Venezuela, foi nun acto organizado pola asociación cultural Auriense, precisamente dinamizada pola UPG. Aclaramos estes extremos en vistas de que a última contribución ao confusionismo consistiu na sorprendente⁽²⁾ revelación por parte de Luís González Blasco, nun simpósio sobre Celso

(1) Nom se mostra muito generoso na extenso do trabalho e, ao meu ver, tampouco no contido.

(2) F. Rodríguez parece sentir umha certa inclinaçom a adjectivar quando trata de assuntos nos que eu estou implicado.

Emilio organizado por AGAL e ANEL a fins de abril en Santiago, de que Celso fora vítima do "sectarismo" e de que a atribuída e por el suposta actuación deste partido co poeta fora un "error histórico". Mais unha vez recorre ao mito do ogro feroz.

É umha mágoa para a credibilidade de Francisco Rodríguez que nom lesse previamente o contributo que no mesmo volume publica Carlos Xohán Díaz intitulado *Militante da Unión do Povo Galego* (UPG). Nesse traballo que ocupa as páginas 59-73 da revista desmentem-se praticamente todas as suas afirmações e quando falo de credibilidade é porque um militante destacado da UPG como F. Rodríguez nom podía desconhecer os factos que Carlos Díaz demonstra utilizando umha ampla documentaçom; um home que foi secretario geral da UPG nom pode alegar ignorancia, trata-se de outra causa que deixo aos leitores pôr nome (e adjetivos se quiserem).

É difícil acumular tantas falsidades e inexactitudes como se fai na primeira parte desta nota 13. Poderia-me referir sem mais ao documentado traballo de C.X. Díaz mas como nom todo o mundo pode dispor del vou repetir —ou nom—, desde o meu punto de vista, muitas da cousas que el di sabendo que me vai desculpar por antecipado.

A primeira consiste em afirmar que as relações de CEF com a UPG se faziam a través de Europa (Suíça e Paris). É certo que as relações de Celso com a direccom da UPG se faziam através de Europa mas esta Europa nom era apenas Paris e Suíça como parece desprender-se da nota. Foi, em primeiro lugar, Galiza. Nos arquivos da UPG figuram dous números de *Terra e Tempo* que fóron editados por Celso, em Venezuela, e enviados ao interior. Isto nom pode ser ignorado por F. Rodríguez quem tampouco pode ignorar que dos primeiros número do *Terra e Tempo* se fijo umha ediçom facsimilar restringida que el deve conhecer, nesta reediçom figuraram tanto os números editados em México como os editados em Venezuela.

É certo que depois se van cortar estas relações directas mas a culpa nom é atribuível ao poeta e revolucionario. Na carta que nos dirige a Henrique Harguindey Banet e a mim di-se textualmente:

Caracas 3 de maio de 1969

Queridos amigos: Recibimos no seu día as cousas da UPG que mandastes. En paquete a parte enviamos uns cantos exemplares do Programa que temos editado eiqui e que non nos atrevemos a mandar a Galicia até tanto non recibamos de alá ordes concretas en tal senso. Estamos sin noticias dos compañeiros do interior. Sabemos que a raiz do "estado de

excepción" detiveron a varios compañeiros, entre eles a Méndez Ferrín que ainda continua na cadea. Pro non sabemos mais. Ningún escribe nada, cousa que nos contraria moito pois nos impide informar aos compañeiros e amigos de Buenos Aires, México,... Comunicarse co interior é difícil, xa que, de sópeto, tódolos "buzós" ficaron enmudecidos. Pro comunicarse de adentro pra fora, é cousa moi doada, pois non teñen mais que mandar as suas comunicacós, ESCRITAS A MAQUINA E SIN FIRMA (...) anque a carta sexa interferida pola policía franquista, non saberán quen é o remitente e quen o destinatario e polo tanto a impunidade será total (...) Escribín neste senso a varios amigos do interior, pro non obtiven resultado positivo algúin, cicas debido a que non entenderon o que lle decía en razón dos eufemismos precautorios que usaba pra non comprometelos. Seríavos a vos fácil facer chegar, dunha maneira crara, iste "sistema de comunicación"....?

Como se vê polos fragmentos reproduzidos, as relaçons iniciais de CEF fam-se com a Galiza, o que de aquela chamávamos o "interior" e quando se interrompem estes contactos trata de reanudá-los por todos os meios. Harguindey e eu cumprimos-lhe o recado mas nom tivemos éxito. Devo dizer que as nossas comunicaçons tampouco eram fáceis nos primeiros tempos. Só quando chegou a haver organizaçom em Portugal, depois do 25 de Abril, as comunicaçons alcançárom um nível satisfatório. A UPG chegou a ter organizaçom em México Venezuela, Uruguai, Argentina, Portugal, França, Suíça, Holanda e Inglaterra.

Para que se veja o afastamento paulatino de Celso con respecto a UPG a que alude F. Rodríguez reproduzo o começo da carta que algo más de um ano depois dirige a Harguindey que ainda residia em França

Caracas 9-VI-70

Querido Harguindey: Recibo a sua carta, que a volta de correo contesto. Recibín unha carta de Foz, e polo tanto anque vostede se marche pra Galicia, seguirei en contacto coiste amigo.

Desexo lle comunique aos compañeiro do interior -aos que teñan neste íntre a responsabilidade da dirección- que estamos totalmente fallos de informacós e instruccóns. Nada sabemos do que pasa, nin que é o que temos que facer. Eu teño no meu poder o seguinte material impreso:

500 afiches de Castelao

600 programas da UPG

2.000 folletos de "O noso galeguismo"

De todo iste material teño mando ao interior paquetes dirixidos a distintos enderezos, pero somente de Madri me acusaron recibo, e por ende suspendín os envíos, baixo o temor de que estivera a policía facéndose cárrego dos paquetes e "fichando aos destinatarios. Quero saber, pois, si hei seguir mandando iste material e si son válidas as direccións que teño. (...)

O que Celso chama "programa da UPG" é o desenvolvimento dos dez pontos. Aqui vai aparecer polo meio a crise do 71. Desde Paris propugnamos fazer umha ediçom de 1.000 exemplares na que se inclússsem o programa e o texto complementar "O noso galeguismo" sob o título genérico "Testos programáticos da Unión do Pobo Galego". Desde o interior aceitou-se a idea e prometeuse-nos finanzar, parcialmente, a ediçom dada a nossa debilidade económica. Finalmente non chegou ajuda económica nengumha mas começaram a chegar unhas rectificaçons que se deviam introduzir nos textos. O nosso contacto, naquela altura, fazia-se através de Torres, a quem eu nom conhecía mas si Harguindey que sentia umha certa desconfiança com respecto a el. Mas o que avivoou seriamente as nossas desconfianças foi a natureza dos cambios que se pretendiam introduzir nos textos, depois de discutirmos amplamente entre ambos decidimos que aquilo equivalia a um golpe de mao contra o programa e a linha política da UPG⁽³⁾ e para solucionar o problema, e nom desvelar a nossa negativa, comunicamos que o texto já estava impresso (cousa que nom era certa). Como este texto é raro hoje em dia, apesar de que fomos introduzindo a totalidade da ediçom, vou-no descrever: tem um formato quadrado de 12 cm. de lado e na capa figura um desenho com um martelo, um fousinho, um par de remos e um braço que empuña um fusil, também figura umha espiral e continuando-a o rótulo *union do pobo galego*. Estava intitulado *Terra e Tempo* e na margem esquerda lia-se número especial. Como apontaçons nossas figuram umha nota limiar; as palavras de ordem finais *Labregos, obreiros e mariñeiros de Galicia unídevos; Traballadores de todo o mundo e Pobos asballados: Unídevos!*; *Viva Galicia Ceibe e Socialista! e Viva o internacionalismo proletario*. Também incluímos a traduçom da Internacional desde o francés para o galego feita por Harguindey (com ligeiras apontaçons minhas) que com pequenas variantes é a que segue a cantar a UPG na actualidade⁽⁴⁾.

Transladei as queixas de Celso à direcçom e

supugem que o problema ficaria resolto mas entretentres surgira um grupo nacionalista autónomo na Suíça que decidiu integrar-se na UPG, cousa que figérom sob a minha responsabilidade. Este grupo, de forma simultánea, pugnava em contacto com Celso Emilio enviando-lhe umha monstra dos trabalhos que vinham realizando. Celso nom se fia completamente polo que os companheiros de Suiça solicitam-me que me ponha de novo em contacto com el. Contesta-me o 5 de Julho de 1972 numha carta que demonstra que nada se tinha solucionado nos seus contactos com o interior. Celso manifesta-se doído mas nom creio que se poda dizer que que Celso se afasta das posturas da UPG:

Querido Foz: Aledoume recibir a túa carta, entre outras razós porque quería identificar a "autenticidade" da xente que me escribiu dende Xinebra, pois gato escaldado da auga fría fuxe. Eiquí temos tido varias infiltraciós da policía da Embaixada, i ademas sabemos que hai unha manchea de "izquierdistas" ó servizio do franquismo. Non se pode fiar de ninguén que non sexa coñecido. (...)

Respeuto ós compañeiros do interior teño que decirche francamente que estou moi decepcionado e doído, pois fai mais de dous anos que non sei nada deles. Teñenme totalmente marxinado. Eu pra iles non esisto. Perante algún tempo, e cun esforzo económico superior as miñas posibilidás, adiqueime a imprimir testos, afiches e outras pubricaciós (Incruido o programa da orgaización) que remitia a distintos enderezos. Un bon día recibín unha nota decíndome que suspendera os envíos, pois os destinatarios estaban "queimados". Xa non voltei a ter noticia algúna. (...) cheguei a concrusión de que a entidade tiña desaparecido. O silencio dos amigos de Vigo (Méndez) e de Madri (Bautista) abonou o meu criterio. Silencio que, ademas de ser politicamente improcedente, é unha desconsideración incalificábel pra quen se conceputaba seu amigo persoal.

De sópeto... sorpréndesme falando da "crisis do ano pasado", cousa que eu descoñezo en absoluto. Pero pregúntome: si houbo unha crisis i agora hai xente nova na dirección ¿por qué non se puxo en contacto conmigo? Eu fun un dos fundadores do gremio, e cando saín pra Venezuela ostentaba un cárrego no Cumio. Creo que teño dereito a saber o que pasa, ou, mellor dito, o que pasou.

(3) Nestes textos falava-se já dunha etapa violenta ou de loita armada (cf. p. 48).

(4) A vista desta e outras circunstancias julgo que seria revisável a consideraçom, nessa altura, da UPG como pequeno-burguesa. Sem negar a procedência de classe pequeno-burguesa maioria da militância, deve-se ter em conta que os clássicos marxistas distinguírom sempre entre procedência de classe e posición de classe.

Denantes de adoitar unha resolución en col diste asunto agradeceríache que me informases con detalle sobre os seguintes puntos:

- En qué consistiu a crisis e porque razós xurdio.
- Coál é a situación de Mendez e de Bautista actualmente.
- Que xente está agora dirixindo o asunto.
- Si a crisis supuxo um cámbeo programático ou ideolóxico.
- Perspectivas da orgaización en canto a militancia.

Eu síntome moi desenganado, cáisque frustrado nesta custión. Os meus sentimientos son os mesmos de sempre, pro non estou disposto a embarcarme en calquera nave, porque adeprendín a terlle medo ós irresponsábeles. Estou, repito, moi disgustado coa desconsideración que se tivo conmigo en tódolos aspectos, incruído o da amistade. Penso que si non existe a lealtá a toda proba, tampouco pode existir unha orgaización como esa. Nom embargantes, conmigo comportáronse deslealmente ó non termen en conta pra nada.

En fin, querido Foz, non che estou pasando a ti un pliego de cargos, sinón dándoche conta (por primeira vez o fago) dos meus íntimos pensamentos respecto a custión que nos ocupa. Non penses que eu me coido unha persoa con méritos extraordinarios, merecedores dun trato extraordinario. Pero teño derecho a que os compañeiros de loita non se esquezan de que por ser un galeguista revolucionario, sofrín alá moitos infortunios, vinme lanzado a aventura da emigración, i aquí tiven que soportar persecucións, aldraxes e calamidades. I é moi doloroso que dempois de soportar estas esperencias, teña que sofrir outra mais: a marxinación.

Agardo a túa resposta. Recibe unha gran-de aperta.

No seu texto, F. Rodríguez, afirma que as relacións de Celso com a UPG fóronse fazendo cada vez mais distantes. É possível que se refira a esta carta e a algumha posterior, cartas que el podía conhecer por figurarem nos arquivos da UPG; mas falsea a realidade quando di que as suas relacións —as que se distanciárom— faziamse desde Paris e Suíça. Se Celso se distancia da UPG é porque se sente —com razom— marginado polos compañeiros do interior. As suas relacións com Suíça e Paris servírom precisamente para recuperá-lo pouco a pouco apesar da sua postura inicial de distanciamiento. Nom asseguro que F. Rodríguez conhecesse estes textos, em cujo caso estaría mentindo, mas tinha oportunidade de conhecê-los e nesse caso acuso-o de

ligeireza por falar sem consultar unha documentación que estava ao seu disprix.

Apesar da minha preguiça para escrever contestei imediatamente e a resposta de Celso nom se fijo esperar. O dous de Agosto escreve:

Querido Foz: Gracias polo teu informe que, polo menos, orientoume unha migalla no total desnorteamento en que me acho dende fai perto de tres anos. Na realidade, nunca, dende a miña chegada eiquí, poiden ter unha relación normal cos compañeiros do interior, debido a que non foron capaces de crear canles segredas de comunicación co exterior, algo que é elemental nunha organización clandestina. Iste aillamento obrigoume a traballar pola miña conta. Facendo un esforzo económico, e coa axuda de algunos amigos, adiqueime a imprimir folletos, affiches, programas etc. parte dos coales mandeille ós compañeiros de Xinebra fai unhas semás, pra que polo menos, alguén sepa que non me dormín.

Un bon día recibín instrucións de que suspendera os envíos, por estar "queimados" os enderezos que eu solía usar. Agardei inutilmente a que me mandasen outros; esperei, sin resultado algúin, a que me desen unha explicación, pro ainda estou esperando. Entón supuxen que a miña situación non era un aillamento circunstancial, sinón unha marxinación total por parte da dirección e por causas que eu descoñecía.

A pouco de sair Mendez da cadea, escribinlle unha carta na que, en forma mais ou menos simbólica, espriquéballe o meu caso. Non me contestou. Pode ser que a carta non chegase o seu poder, pro, de tódolos xeitos, a amistade leal que eu sempre lle profesei coido que merecía unha espriación. Non é tan difícil escribir unhas letras atraveso de Portugal ou de Francia. Outro tanto pasoume con Bautista.

Como se vê, Celso repite as queixas da carta anterior e non lhe faltam motivos para fazé-lo dada a situación anímica em que se acha. Chega ao punto de exagerar já que nos primeiros momentos —como el mesmo confesa— si houvo contactos e para além do material que cita, dous números de *Terra e Tempo* fóron impresos em Venezuela e enviados ao interior onde se distribuírom (ainda que nom chegárom a França). Apesar do dito Celso continua trabalhando na linha da UPG e así mo explica na mesma carta:

Con outros tres ou catro amigos —algunos deles residentes agora na Terra— fundamos o Padroado da Cultura Galega, incorporando xente que se decía galeguista e contraria ó réximen franquista. Os compañeiros do PC boicotearon á entidade, siempre por

cumes localistas e por temor a que lle birlásemos a clientela de simpatizantes. Consecuentemente, a xente que ingresou no Padroado era galeguista folklórica, reaccionaria e galaxia, que ó coñecer a doutrina marxista e revolucionaria da UPG, púxosenos en frente coma unhos vulgares anticomunistas, e tivemos que irnos do Padroado pois illes eran maoría na orgaización. (...)

Naturalmente, quedas autorizado pra facerlle saber a dirección o que eu penso en col do seu comportamento conmigo. Non pretendo que rectifiquen. De momento prefiro seguir ó marxeen de toda actividade, por dous razós: unha, porque eiquí, repito, non hai nada que facer; e outra porque si regreso a Hespaña iste ano —como teño pensado— terei que permanecer calado e quedo; porque sei que vou estar totalmente vixiado e coa espada pendurada sobor de min.

Insisto na possibilidade de Francisco Rodríguez se referir a declaracions como esta ao falar do afastamento de Celso da UPG, é possível já que estes documentos estám ao seu alcance nos arquivos da UPG, mas devemos ter em conta que motivos nom lhe faltavam a Celso para tomar essa atitude. Porém, Celso retomou o seu compromiso tanto a nível político como cultural; assi, nas edições Roi Xordo, que eran umha tapadeira da UPG, publica a primeira ediçom do seu *Cemiterio privado*. Na derradeira carta que me escreve, o 18 de Agosto de 1972, já começa a ver-se este cámbo de atitude:

Querido Foz: (...) Fólgame moito o que me dis en col da Org. e, sobor de todo, saber que na dirección e na militancia hai obreiros. Ise é un bon camiño que eu sempre quixen andar dende o comenza, porque non se me escapaba o que lle tiña pasado ó vello Partido Galeguista: que por non ter inquedanzas sociás e non ser abertamente revolucionario careceu do respaldo das masas traballadoras, que, quéirase ou non, son as que ó final lle van a pór o rabo ás cereixas. (...)

...a veces penso si o meu enfrentamento coa emigración non será a causa do "ostracismo" a que me someteu a dirección da UPG, interpretando o feito con erro e inxusticia notorias, e cicais botándome a min a culpa do sucedido... Eu non esquezo que o meu libro, "VIAXE Ó PAÍS DOS ENANOS", foi moi mal acollido, interpretado i entendido, incruso por xente da nosa banda. Iste libro, que é o resumen poético da miña doorosa esperencia emigratoria, causoume as inxurias de certos xornalistas i a enemistade de alguns amigos incapaces de ver mais alá do seu narís, porque, en derradeiro estremo, a nosa emigración masiva non é outra cousa que a deser-

ción multitudinaria dun pobo que se nega a sélo i a enfrentarse colectivamente cos problemas que o aguilloan. Cando Castelao manifestou aquello de que "os galegos protestan emigrando", estou seguro de que o dixo con gran dór de corazón, pois il quixera que protestasen doutro xeito menos simbólico. Penso nos irlandeses que noutro tempo tamén emigraron en masa acuciados pola fame, pro dende a emigración sostiveron e financiaron a loita heroica da súa independencia. E hoxe, no Ulster, non emigran: poñen bombas.

Cunha garimosa aperta.

No primeiro parágrafo reproduzido pode-se ver como Celso se alegra e identifica com as mudanças que nestes anos se produzem na militanza da organizaçom. É um síntoma de que está já pronto a trabalhar novamente com a UPG.

No segundo parágrafo reproduzido manifesta, porén, a sua conviccóm de que foi "castigado conscientemente" pola direccom da UPG. Nisto equivoca-se o de Cela Nova, nas minhas relaçons com o interior que —como já dixen— nom eran o que deviam ser (e tampouco por culpa minha) nunca se criticou Celso por ter escrito *Viaxe ó país dos ananos*. É certo que este libro provocou polémicas, algumhas dolorosas para Celso como a que tivo com Seoane mas a UPG nunca o criticou por isso. A referéncia a Irlanda monstra claramente como o poeta nom tinha perdido nada do seu ardor combativo.

Esta seria a última carta que me escrevesse, a partir deste momento as sua relaçons establecerom-se com os camaradas de Genevra que, contando com umha infraestrutura muito melhor, som os que se ocupam das relaçons internacionais salvo nalguns casos pontuais como os contactos com os bretons e a elaboraçom da Carta de Brest da que fum um dos corredactores, juntamente com Carlos Diaz, o bretom Hervé Grall e o irlandés Eoin O'Murchu; também tomei umha parte activa no establecemento dos primeiros contactos entre a UPG e ETA contactos que pasárom depois a ser levados desde o interior.

A fins de 1972 Celso decide volver definitivamente ao estado español. Fai umha primeira viagem exploratória. Com motivo dela escrevelle a Carlos Diaz o 13 de Dezembro:

Na terra verei de ter algunos contactos, anque de sobra sei que teño que andar con moito tento, pois coido que estarei dabondo vixilado.

Numha nova carta a Genevra, datada o 1º de Março. Celso comunica a sua desilusom por nom ter podido realizar os contactos desejados:

(..) No meu viaxe a Galicia non puiden

ver mais xente que a que atopei no camiño, pois ocorríume que o frío tívome acorralado nunha aldea de Celanova onde vive unha irmá miña. (...) Estiven doente coas vías respiratorias conxestionadas, e non poiden sair de alí até que chegou a data de ter que marchar pra Madri a rematar os asuntos do meu regreso a España, e tomar o avión que me trouxo de novo a Venezuela. Foi lamentábel. Consólome pensando que no mes de maio vindeiro estarei de novo en Madri, penso que xa definitivamente. (...)

Uma nova carta de Celso, datada o 15 do mesmo mês de Marzo, dirigida esta vez ás edições Roi Xordo insiste no mesmo tema ao tempo que expõe os seus temores de que com a sua marcha desapareça em Venezuela o "galeguismo UPG":

...coido que ó marcharme eu acabarase niste país o galeguismo UPG, non porque eu seña imprescindíbel sinón porque a pouco xente que hai carece de pulo activo: son militantes pasivos e cómodos. (...)

O meu viaxe foi en verdá lamentábel, anque, por outra parte, reconfortoume moito respirar o aire da Terra. Cando estiven en Vigo, dixéronme que Méndez Ferrín se achaba escondido por mor da folga. Dempois souben que xa estaba na súa casa, e que houbera sido doado velo. Mala sorte

A continuacón explica a sua intención de permanecer temporalmente apartado da actividade política militante. Na actualidade há gente que pensa que os últimos anos da ditadura franquista fôrom "mais suaves"; nada mais longe da realidade, a única apertura que se produziu foi no plano de um erotismo descafeinado, devida mais vem á afluênciia massiva de turistas, e na publicación de alguns clássicos marxistas (Marx, Engels,...) mas a ditadura seguia sendo igual de ferrea para quanto tivesse relación com a situación política estatal.

Non embargantes, cando volva de Madri terei que estar unha longa tempada calado e quedo, porque sei que me van estar ousevando con lupa. Cando agora estiven alá non se meteron conmigo pro cónstame que me seguiron paso a paso, i o comandante do posto da garda civil de Celanova, tiña ordes de dar conta da miña chegada, según soupen por condutos moi veraces. Os días que estiven varado polo frío na aldea, se coñece que os tiña estrañados a miña inmovilidade, pois foron doulos polos a perguntarlle por min ó tenedero do lugar. Figúrate que fino teño que fiar, cando me estableza en Madri. Terei que simular que xa estou "fora de combate" e neutralizado, pra que me deixen tranquilo. Pro iso levarame algún tempo.

(...) Naturalmente esta pasividade non abranguerá as miñas actividades literarias, tanto legales como das "outras", para as coales xa veremos de establecer un sistema de comunicación postal que non ofereza perigos.

De facto Celso equivoca-se nas suas apreciacóns já que a UPG continuou trabalhando em Venezuela após a sua marcha e mesmo melhorou a qualidade do seu trabalho ao regularizarem-se as relacóns. Os dias 20 e 21 de Janeiro celebrárase o primeiro (e único) congresso da UPG na emigración: assistírom representantes de Venezuela, Uruguai, Portugal, Inglaterra, França e Suíça (pode-se ver umha referéncia no Terra e Tempo de Marzo de 1973). Por Venezuela acudiu o fillo de Celso, Luís Ferreiro.

O 3 de Maio, Celso insiste na situación que considera oportuno adoptar com motivo da sua volta à Península:

(...) Respecto as miñas relacóns con U. direiche que de momento terán que ser totalmente pasivas. Sei de unha maneira evidente, que vou estar estreitamente observado, como o estiven tamén no meu viaxe de Nadal, e que en canto saque os pes unha migalla fora da manta, botaranse enriba de míi coma cans doentes. Compre, pois, que eu apareza polo de agora un tanto marxinado. Os masós teñen un nome pra esta cras de situación: durmientes. Namentres non pase o tempo suficiente pra situarme e ver as miñas posibilidades de actuación, quero permañecer "durminte". Coido que é o mais discreto e efectivo. Sería por outra parte estúpido que sabendo de qué xeito estou "fichado" me fose meter na boca do lobo sin proveito para ninguén. Esto non quere decir, naturalmente, que eu non estea totalmente identificado co amigo Upegurto, de quen fun padriño de bautizo. Todos os seus amigos son tamén amigos meus... O que non quero é adequirir coíles compromisos que, de antemán, sei que non poderei cumplir.

Por outra parte áchome nun estado de ánimo un tanto compreexo. (...) Tardarei algún tempo en recuperar a fe i o entusiasmo. (...)

Nom é de estranhar esta posición de Celso depois de tudo o que lhe tinha acontecido. Além disso e como já dixem mais acima há unha certa tendencia na actualidade a considerar que a clandestinidade era mais "cómoda" nos últimos anos da vida de Franco, apenas quero lembrar o assassinato de Reboiras em Agosto de 75 e os cinco assassinatos "legais" assinados polo General menos de dous meses antes da sua própria morte. Apesar das declaracóns do poeta, este

deixa preparados os contactos da UPG em Venezuela com a organizaçom exterior da mesma; segundo o bem documentado trabalho de Carlos Xohán Díaz as actividades do grupo venezolano da organizaçom seguiron, e incluso se melloraron, en calidade e cantidade (xunguidos ao desenrolo organizativo da UPG de entón en todos os aspectos) depois da marcha de Celso Emilio.

A parte V do tantas vezes citado trabalho de Carlos Xohán Díaz intitula-se *A POLÉMICA DA SAÍDA-EXPULSÓN-AUTOEXCLUSIÓN*. Nesta parte reproducen umha serie de comunicacions entre Venezuela, Genevra e a direcçom da UPG que durariam seis meses e que segundo as suas proprias palavras precisam ou escurecem a realidade dos factos:

(en Xullo do 1974) A nível moi oficial da UPG comunicácasenos a Xenevra (por teléfono), "CEF foi expulsado e nada máis" non hai comentários. Esta explicación é informada a Venezuela, xunto con outras "non oficiais" (non escritas), mais que representantes da dirección de UPG comunicaban aos grupos de base a nível interno na Galiza....

Luís Ferreiro escreve a Genevra o 9 de Setembro de 1974:

...Pídovos disculpas pola tardanza en contestar a vosa derradeira carta, mais elo é debido a noticia que nos dades en ela sobor da espulsión do compaño Cef. Ista noticia causou commoción eiquí debido a outa estima en que era tido o compaño. Ao mesmo tempo un fato de xente amiga e simpatizante da U. retirou o seu apoio a eúa colaboración económica. Ou sexa que o cumio veuse reducido na mitade mais ou menos. Pola outra banda o resto da xente que quedou no cumio quere que se lle den esplicacíons sobor dise tema...

Como se pode ver o fillo de Celso ainda que pida explicacions nom abandona a UPG e continua trabalhando para a mesma. Pode-se consultar na sua integridade o número 11 de *A Nosa Cultura*.

O 23 de Setembro contesta-se desde Genevra observando-se na carta genevrina que as suas proprias informacions nom están completamente claras:

...Asegúñ as nosas informacíons o feito más grave que provocou esa decisión interna foi a aceitación por CEF da seición galega do Ateneo de Madrid, sobor de todo no intre no que os irmáns cataláns e vascos o abandorron.... Por ista razón se lle fixo oficialmente a nível da U. a crítica da súa postura, e se lle pregó de abandoar o Ateneo, mais CEF non quixo admitir ningún tipo de crítica nin de discusión sobor diste asunto, cousa que dem-

pois de estudio causou a súa expulsión....

Agora ben o feito más grave foi a non aceitación por CEF de ningunha crítica sobor da súa atitude, feito indmisible no seo dunha organizaçom cujo funcionamento fundase no centralismo democrático. Tendes de ter en conta que istas informacíons son INTERNAS, nós as recibimos de xente da U. mais non a un nivel oficial, a nivel oficial o único que se nos comunicou por teléfono e directamente foi que estaba expulsado e nada máis. (...) Nós... pensamos que debe de haber ademáis outros cargos más graves. (...) imos comunicar iste asunto ó interior pedindo más informacíons que se vos comunicarán cando nos chequen. (...) (Os sublinhados som meus).

O 30 de Outubro escreve de novo Luís Ferreiro, utilizando —como sempre— papel carimbado da UPG, Segredaria de Relaciós esteriores (*Cumio de Venezuela*):

(...) Estamos esperando que nos digan cales foron os motivos pra que se espulsara o compaño CEF da U. (...)

Dempois de acabar ista carta atopei a vosa de 23-9 e paso a contestala.

Respeito a CEF manteñemos a misma postura: non é motivo suficiente o asunto do Ateneo pra botalo da U. xa que segúñ o noso entendemento nós debemos aproveitar todas as oportunidades que nos ofrece o Sistema para pelejar encol da nosa Terra. Polo tanto seguimos esperando unha espricación mais crara do problema. (...)

Finalmente receive-se em Genevra um informe oficial tratando —entre otras matérias— o assunto das relacions de Celso Emílio com a UPG; nel havia um apartado especial diridido a Venezuela. Unha fotocópia do informe foi enviada a Venezuela. Nela dizia-se:

Pra Venezuela

O CEF, en certo xeito, AUTOESCLUIUSE xa que se negou a todo tipo de traballo e a integrarse nunha estructura organizaiva nin siquer a un nivel primario polo que, e asegún os Estatutos e as normas míminas que deben terse nunha organizaçom comunista, deixou de ser considerado como un militante e, nestes momentos, só se lle pasa propaganda.

En troques, o CEF —sin cuidar siquera a identidade ideolóxica coa Orga.— prestouse a dar charlas pra troskistas, por caso, e algunas cousiñas más que non son pra tratar. (...)

Seguidamente Carlos Xohán Díaz fai alguns comentários sobre toda esta historia que podem ser consultados na publicaçom citada. Quero salientar algum deles:

(...) Mais os problemas de CEF, respeito

da UPG tamén se xuntaron aos problemas que que todos os militantes da UPG tivemos ao retorno da emigración: unha atitude de desprécio, de ignoráncia do noso labor na emigración, de non comprender as dificultades que os emigrantes temos para integrarnos ás realidades da Galiza despois de anos fóra dela. En resume sempre foi por parte da organización a ausencia de consideracións mínimamente "humanas" e CEF foi unha vítima máis desta realidade.

Até aqui as palabras do meu velho camarada Carlos que tanto trabalhou pola UPG na emigración europeia. Pola minha parte devo dizer que há muito de certo nelas e chegaria para prová-lo o que ocorreu com a imensa maioria dos que militamos na UPG fóra dos límites do estado español.

É possível que me estendesse excessivamente num tema —o das relações de Celso Emilio Ferreiro com a UPG— que já fora suficientemente aclarado por Carlos Xohán Díaz mas quería deixar bem claro que quando falei no simpósio organizado por AGAL e ANEL non me refería ao *mito do ogro feroz* nem nada polo estilo e desmentir a falsidade de que Celso se fosse afastando progressivamente da UPG.

BIBLIOGRAFIA

- Correspondência com Celso Emilio que figura no meu arquivo pessoal.
- Díaz, Carlos Xohán: *Militante da Unión do Povo Galego (UPG)* in Vários: *Celso Emilio Ferreiro: comun temos a pátria*. Vigo, 1989.
- Ferreiro, Celso Emilio: *Longa noite de pedra*, Introducción, notas e comentários de Xosé M. Álvarez Cáccamo, Sada, 1985.
- (Rodríguez Sánchez, Francisco): *Voz Unión do Povo Galego* in *Gran Enciclopedia Gallega*, tomo 29, Gijom, 1984.
- Rodríguez Sánchez, Francisco: *Longa noite de pedra, libro crucial* in Vários: *Celso Emilio Ferreiro: comun temos a pátria*. Vigo, 1989.
- Revista ARO, Asociación reintegracionista de Ordes, número especial *Letras Galegas*, 1989.
- Rivas, Manuel e Taibo, Xoán I.: *Os partidos políticos na Galiza*, Corunha, 1977.
- Rubiralta Casas, Fermí: *De Castelao a Mao*, Santiago, 1998.
- Soto Fernández, Luís: *Castelao, A U.P.G. e outras memorias*, Vigo, 1983.
- U.P.G.: *Terra e Tempo*. Paris. S.d.

CONCLUSOM:

É evidente que se escrivim isto nom foi por um simples desafogo pessoal. Trata-se de denunciar umha atitude, personificada neste caso em Francisco Rodríguez, que se tem dado —e se dá— com excessiva freqüênciam em alguns sectores do nacionalismo galego: o sectarismo que leva a deteriorar as relaçons persoais, a considerar como inimigos a aqueles que o nom som (mesmo aos que mais próximos estamos) e, nos casos extremos, a reescrever a historia para eliminar dela os factos desagradáveis para o sectário e, se lhe for possível, as próprias persoas (nom falo, claro está, de umha eliminação física) que participárom nesses factos. Eu considero que Francisco Rodríguez, para além de um importante vulto da actual cultura galega, é um patriota galego, um político nacionalista com o que tenho muitas cousas en comun apesar das nossas diferenças; lamento profundamente o seu sectarismo que nom beneficia em nada a causa que defendemos.



Portas:

www.miner.com.br
www.achei.com.br
www.radaruol.com.br
<http://br.busca.yahoo.com>

Metaportas:

www.sapo.pt
www.tay.com.br
www.terravista.pt
www.google.com

Literatura:

www.ipn.pt/literatura

(da mais nutrida representação de trechos e biografias breves dos autores da Lit. de Portugal de todos os tempos, o Projecto Vercial)

www.vbookstore.com.br

(download de livros de autores clássicos, brasileiros e "estrangeiros"; também ensaios literários)

www.terravista.pt/FerNoronha/4912/literatura_moçambique.htm

(Literatura em Moçambique)

<http://coqui.lce.org/jalopes/lit-angol.html>

(Literatura angolana, amostra de Alexandre Dáskalos, David Mestre e Luandino Vieira)

www.secret.com.br/jpoesia

(Jornal da Poesia, com textos em português de mais de 2.000 autores)

www.citi.pt/cultura/literatura

www.fcsh.unl.pt/hp/end/lit_tx.htm

Língua:

www.gramaticaportuguesa.com

www.priberam.pt/DLPO/gramatica/gram03.htm

www.uol.com.br/folha/fovest/gramatica.shtml

www.roadnet.com.br/pessoais/leite/gram.htm

www.nutilus.com.br/~ensjo/interlingua/brevegramatica.html

www.paulohernandes.pro.br/duvidas.html

www.uol.com.br/aprendiz/n_licao/port

www.hildebrando.com.br

(endereços de gramática portuguesa, testar conhecimentos gramaticais, tirar dúvidas de português, etc.)

www.igutil.com.br

(grafia de palavras nacionais e estrangeiras)

www.radixquem.com.br

(grafia correcta de nomes, pequenas Biografias)

www.radixonde.com.br

(grafia de nomes de lugares)

www.educacional.com.br

(7.000 verbos da língua, etc.)

www.uol.com.br/aurelio

(assinantes do UOL podem consultar o Aurélio, de 475 mil verbetes)

www.uol.com.br/vestibuo1

(assinantes da America Online: ensina dicas para redigir)